# Projeto de Natal




ALLIE SAMBERTS

# Projeto de Natal

Tradução
Ana Paula Formigoni Horst

ALLIE SAMBERTS

Projeto de Natal

Copyright © 2024 Allie Samberts Copyright da Tradução © 2024 Editora Five

Produção Editorial: Grupo Editorial Five

Arte de Capa: Joy Design Editorial

Tradução: Ana Paula Formigoni Horst

Preparação e Revisão: EN Serviços Editoriais

Diagramação: Senara Sousa

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

S187
Samberts, Allie
Projeto de Natal [livro eletrônico] / Allie Samberts ; tradução Ana Paula Formigoni Horst -- 1. ed. -- Porto Alegre, RS : Grupo Editorial Five, 2024.
ePub

Título original: Christmas By Design
ISBN 978-65-5214-059-3
1. Ficção norte-americana I. Título.

CDD-813.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Romances : Literatura norte-americana 813.5

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma — impresso, digital, áudio ou visual — sem a expressa autorização da autora sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

Para qualquer um que precise de um pouco de magia neste Natal.



# Sumário


Nota da autora
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19

Capítulo 20
Epílogo
Agradecimentos
Sobre a Autora
Editora Five



# Nota da autora

Quero começar agradecendo a todos por esperarem até depois do Dia de Ação de Graças para o lançamento deste romance. Não sou uma Scrooge, por assim dizer, mas acredito que a temporada de Natal só começa depois do Dia de Ação de Graças. Deixem meu peru em paz!

Mas o Natal me trouxe tanta alegria em minha vida toda. Desde descer as escadas para ver pilhas de presentes quando eu era criança até escapar para comédias românticas de Natal com meu marido em 2020, quando tudo parecia tão sombrio, as festas sempre foram importantes para mim. Provavelmente posso até mesmo dar crédito a algumas dessas comédias românticas por me inspirarem a começar a escrever as minhas próprias. Quem sabe?! Coisas mágicas acontecem durante o Natal.

Cada vez mais, conforme fui ficando mais velha, o Natal se tornou especial de muitas maneiras em diferentes camadas. Memórias com minha família. Beber vinho em frente à lareira. Montar enormes castelos de princesas e detalhados carrinhos de controle remoto depois de termos certeza de que as crianças adormeceram. Transformar as luzes da árvore de Natal em um branco suave quando o resto da minha família sai por algumas horas. (Eles são fãs das luzes coloridas, e estão errados.) Ler livros de romance de Natal enquanto tomamos chá de hortelã.

Então, pensei em me aventurar em meu próprio romance de Natal. E estou feliz por ter feito isso. Beckett e Gemma foram muito divertidos de escrever.

Toda a brincadeira! Os trocadilhos de Natal! O tempero!

Mas, como todos os meus personagens, eles têm histórias ocultas. Ou seja, Gemma passa por muita ansiedade. Ela mostra sintomas dessa ansiedade ao longo do livro, e ela tem um ataque de pânico em meio às páginas.

Se isso for algo que afetará negativamente sua saúde mental de alguma forma, caro leitor, você pode querer deixar esse livro de lado. O Natal deve ser uma data cheia de alegria e animação, então, por favor, cuide-se.

E, como você pode esperar de mim, meus personagens usam palavrões e têm contatos íntimos. Há uma cena explícita de vários capítulos que abrange os capítulos ١٤, ١٥ e ١٦ para você se preparar. Não dá para evitar isso. É substancial.

Agora, prepare-se para se aconchegar perto do fogo com Beckett e Gemma.

Ho Ho Ho,

Allie Santa-berts

(Desculpe. Eu tinha que fazer isso.)



# Capítulo 1

## Beckett

Gemma Woodard é um tornado de um metro e meio de altura. Ela entra em todos os cômodos em meio a uma nuvem de papéis soltos e roupas amassadas, geralmente com uma ou duas manchas. Seu cabelo castanho-avermelhado e cacheado está sempre rebelde, e seus olhos são brilhantes e ferozes.

E neste momento, ela está me dando nos nervos.

Ela aperta os lábios com tanta força que eles praticamente ficam brancos enquanto ela se inclina violentamente para trás na cadeira. Ela cruza os braços sobre o peito largo e me encara do outro lado da mesa com aqueles olhos ferozes.

Eu ficaria um pouco intimidado se não estivesse tão irritado.

Em vez de recuar, inclino-me sobre a mesa e cerro os dentes.

— Eu não faço reformas para proprietários — resmungo, pontuando cada palavra.

Ela aperta os olhos para mim, mas sua postura não muda.

— Mas, por quê?

— Eu já disse o porquê. Eu trabalho reformando casas sem a participação do proprietário.

— Mas, por quê? — ela pergunta novamente.

Reúno o máximo de paciência que posso.

— É o que eu gosto de fazer. — Tento manter a calma. — Eu gosto de projetar de acordo com meus gostos, não dos proprietários.

Ela suspira pesadamente, o que faz meu sangue ferver. Ela é significativamente mais nova que eu, mas não é uma adolescente. Gostaria que não agisse como uma.

Quando seu olhar pousa em mim novamente, ela zomba: — Essa é uma razão idiota para não assumir esse projeto. — Ela começa a gesticular tão descontroladamente que tenho medo de que ela derrube a xícara de café que está perto de seu cotovelo direito. — É uma casa histórica. Estaríamos preservando a história local real. Restaurando-a à sua antiga glória.

— O noroeste de Indiana não é *local* — digo secamente.

Ela joga as mãos para o alto e esbarra na xícara de café no processo. Por algum milagre, ela balança, mas não tomba.

— Você é capaz de sair da sua bolha de Chicago ou está ocupado demais sendo mal-humorado na sua cobertura para ir para Indiana por alguns dias da semana? — Ela faz um beicinho exagerado e levanta as sobrancelhas para me provocar.

Gemma está tentando me irritar. Eu sei que está. Ela sabe muito bem que eu não moro em uma cobertura. Eu moro em um apartamento no último andar na Clark Street com uma vista deslumbrante do horizonte de Chicago. É um apartamento muito bom, mas não é uma cobertura. Ela quer me deixar autoconsciente da minha riqueza, o que ela faz toda vez que discordamos. Não trabalhamos juntos com frequência, mas todas as vezes no ano passado, desde que ela foi contratada como gerente de projeto, foi assim.

Não é minha culpa que eu trabalhei duro para conseguir um trabalho bem pago de design de interiores corporativo antes de deixar aquele mundo para começar a reformar casas.

Não importa. Ela não vai conseguir me irritar porque eu não ligo. Eu não vou aceitar esse projeto. Principalmente, não vou trabalhar com essa mulher desorganizada, cronicamente atrasada e agitada.

Nosso chefe e dono da empresa de reforma de imóveis para a qual ambos trabalhamos, Jacob Drawley, aperta a ponta do nariz e respira fundo.

— Não vamos por aí, por favor. Não preciso de outro problema com o RH.

Jacob e eu frequentamos a escola de design juntos. Nós dois começamos em

empregos de design estáveis e bem pagos, mas ele nunca gostou dessa mudança. Esta empresa foi uma espécie de projeto de crise de meia-idade para ele. Quando ele a começou há quatro anos, ele me ligou do nada e perguntou se eu gostaria de me juntar a ele. Aos trinta e seis anos e também desiludido com o mundo dos negócios, assumi uma reforma e me apaixonei. Comecei meio período enquanto continuava no meu outro emprego. Nos últimos quatro anos, ele transformou esta empresa — *Designs by Drawley* — em um negócio próspero e lucrativo. Tão lucrativo, na verdade, que ele me ofereceu um salário decente para trabalhar em tempo integral. Um ano atrás, eu fiz exatamente isso.

Gemma bufa e cruza os braços novamente. Fico muito feliz em vê-la sendo castigada e sorrio. Pelo jeito que ela dilata as narinas para mim, ela não gosta nem um pouco da minha expressão.

— Vou te perguntar isso, então — ela se dirige a Jacob. Ele fica um pouco tenso. Não posso culpá-lo; ela é assustadora quando está brava. — Você está pedindo para trabalharmos juntos neste projeto ou está mandando? — Ela olha para mim com uma expressão que diz, xeque-mate.

Mantenho meu próprio semblante completamente neutro enquanto volto minha atenção para Jacob. Ele se ofereceu para me tornar coproprietário no ano passado, pouco antes de contratar Gemma, mas recusei. Deixei meu último emprego para me concentrar mais no design. Não queria voltar imediatamente para uma função mais gerencial. Então, tecnicamente, ele poderia exigir que eu assumisse este projeto, mas não acho que ele o faria.

Ele faria?

Ele chama minha atenção e estremece se desculpando.

Porra.

— Não quero obrigar você a fazer isso — ele me diz —, mas eu quero que a empresa assuma esse projeto. Até agora, temos feito apenas revendas de casas baratas, decadentes e sem proprietários. Uma reforma residencial seria uma novidade para nós. Poderia abrir uma clientela maior.

Eu levanto meu queixo na direção de Gemma.

— Deixe-a fazer isso e podemos tirar um designer júnior de algum outro projeto — eu sugiro, mas mesmo enquanto faço isso, sei que não é possível. Todos os designers júniores já estão sobrecarregados, e Jacob é um cara ótimo, gentil e de família. Com o Natal chegando, todos estão querendo tirar uma folga. E ele está me pedindo agora porque isso não seria um problema para mim. Eu moro sozinho e gosto disso.

Olho para Gemma do outro lado da mesa. Ela tem uma filha em casa, então não faz sentido para mim por que ela estaria tão louca para gerenciar um novo projeto tão perto do Natal, ou por que Jacob sequer a convidaria, considerando sua devoção ao tempo com a família.

— Você sabe que não conseguimos fazer isso logo antes das festas — ele confirma minhas suspeitas. — E, além disso, sendo nossa primeira reforma de casa histórica, quero minhas duas melhores pessoas nisso.

Gemma praticamente se envaidece com o elogio, mas eu sei que ele está apenas tentando me bajular para que eu concorde em assumir o projeto. Ela me lança um olhar de soslaio e desanima um pouco quando vê que não vou desistir tão facilmente.

— Ah, vamos lá, Scrooge — ela cutuca. — Vamos dar uma olhada nas plantas, juntar umas amostras e ligar para uns empreiteiros, dirigir até Indiana, olhar a casa, montar uma proposta e seguir nosso caminho alegremente bem a tempo para o Natal. Podemos terminar o trabalho depois das festas. — Ela faz uma pausa para considerar e então diz: — Bem, eu vou seguir meu caminho alegremente. Você provavelmente vai para casa e vai ficar resmungando por lá.

Eu gesticulo em sua direção enquanto me dirijo a Jacob: — Você espera que eu trabalhe com ela me dizendo coisas assim?

Jacob lhe lança um olhar de advertência, e ela levanta as mãos em sinal de rendição.

— Foi mal. Tenho certeza de que Beks planejou um Natal perfeitamente adorável, onde estará cercado por familiares e amigos cantando canções de natal perto da lareira e tomando chocolate quente. — Ela olha diretamente para mim e diz: — Desculpe.

Ela não parece nem um pouco arrependida.

Jogo a mão na direção dela novamente e olho para Jacob, que intervém antes que eu possa dizer qualquer coisa.

— Estou começando a achar que juntar vocês dois de novo não é uma ótima ideia. Eu realmente pensei que duas pessoas com seu nível de experiência combinada seriam o time dos sonhos. Mas agora posso ver que não vai funcionar. — Ele suspira enquanto passa a mão no queixo sem barbear. Ele parece mais abatido do que o normal, o que diz muito. Ele não é do tipo que dorme oito horas inteiras por noite. — Acho que vamos ter que deixar passar esse. Ou ver se a Sra. Dash pode estender o prazo do projeto para que possamos começar depois das festas.

Os ombros de Jacob caem para a frente. Ele franze a testa para seu calendário de mesa, folheando janeiro, fevereiro e março. Gemma parece cada vez mais desanimada a cada virada de página. Ela deve ter realmente desejado esse projeto. Deus sabe o porquê. Ela é uma bagunça, mas é extremamente talentosa. Ela certamente pode fazer melhor do que reformar uma casa.

— Se você não quer assumir isso, Beckett, pode ir embora — Jacob diz sem olhar para cima. — Nos vemos na segunda-feira.

Concordo uma vez, empurro minha cadeira para longe e me levanto. Mas nesse movimento, inadvertidamente olho nos olhos de Gemma. Suas sobrancelhas cor de ferrugem se erguem e franzem um pouco. Seus olhos verdes profundos são grandes e redondos. Eles seriam quase bonitos se não estivessem presos em mim com ódio há apenas um momento. Ela olha rapidamente para Jacob, que ainda está examinando seu calendário, e depois de volta para mim. Quando não digo nada, ela cede — cede de verdade — e começa a morder o canto da boca enquanto olha para a mesa à sua frente.

Por que ela quer tanto isso? O que ela ganha se aceitar? Ela sempre pôde escolher seus projetos desde que começou aqui, pensei. No entanto, eu não sou tão bem relacionado nos bastidores da empresa quanto um sócio de verdade seria. Algo não está batendo.

Mas ela parece tão impossivelmente triste com a perspectiva de perder a reforma desta casa. Olho para trás de Jacob, para as janelas que mostram apenas o inverno sombrio de Chicago. Ainda não nevou, mas o céu cinza parece indicar que nevará em breve. Do outro lado da rua, vejo um homem com um gorro de Papai Noel vermelho brilhante tocando um sino ao lado de um balde de doações. Luzes coloridas estão começando a piscar conforme o sol se põe mais cedo a cada dia.

Por um segundo, um lampejo de generosidade natalina acende em meu peito. Gemma estava certa sobre ser um projeto rápido. Um dia a mais em Indiana olhando uma casa e uma proposta fácil. Alguns telefonemas do escritório para organizar tudo e mais uma ou duas viagens para lá para garantir que seja feito corretamente. Não seria problema, realmente. Não seria feito antes do Natal, mas alguns cheques seriam compensados, o que ajudaria a empresa. E se Jacob acha que seria bom para nós nos ramificarmos, talvez eu possa encontrar algum espírito natalino e fazer isso pelo time.

Mas ela estava certa sobre outra coisa também. Eu passo meus Natais sozinho. Ela estava errada sobre eu ficar resmungando sobre isso, no entanto. Eu prefiro uma noite silenciosa com minha lareira crepitante, uma taça de conhaque,

um livro e meu gato. É uma boa reinicialização antes do fim do ano. E o mais importante, é tranquilo.

Eu espero por isso todos os anos.

Observo Gemma por um segundo enquanto ela se inclina para frente sobre os cotovelos, tentando fingir um ar de calma. Um tique em sua mandíbula e a maneira como ela crava as pontas dos dedos nos antebraços a denunciam, no entanto. Suas unhas estão roídas até o sabugo, e a pele de suas mãos está seca. Há tinta borrada perto de seu cotovelo, e outra mancha de algo não identificável em sua calça jeans rasgada. Seu cabelo avermelhado está preso em uma massa de cachos no topo de sua cabeça, como se ela não se importasse com sua aparência.

É assim que essa mulher aparece para trabalhar. *Inacreditável*.

Não, não posso trabalhar com ela nisso. É um novo empreendimento para a empresa, o que o torna completamente imprevisível. Adicione Gemma, o Tornado, à mistura, e pode ser um desastre. Vou aproveitar meu Natal limpo e tranquilo e voltar para trabalhar em alguns projetos mais estáveis.

Se ela quiser passar as férias indo e voltando para o noroeste de Indiana, pois que vá. Eu não vou.



# Capítulo 2

## Gemma

É sábado em meados de dezembro, e a State Street está lotada de turistas. Sou uma suburbana nata e criada — e ainda moro no subúrbio com minha filha e, desde que seu pai nos deixou na miséria, com meus pais — mas Chicago sempre me atraiu. É um dos principais motivos pelos quais me candidatei ao cargo de gerente de projetos na *Designs by Drawley*, mesmo sabendo que isso significaria muito deslocamento e mais tempo longe da minha filha, Nova. Não tenho condições de morar dentro dos limites da cidade de Chicago, então qualquer tempo que passo na cidade é melhor do que tempo nenhum na cidade.

É o que eu murmuro para mim mesma, de qualquer forma, enquanto aperto a mãozinha de Nova com mais força. Há verdadeiras multidões de pessoas se movendo lentamente pelas vitrines gigantes de Natal na Macy's, e Nova, é claro, insiste em andar sozinha em vez de ser carregada. E ela tem apenas dois anos, então é ainda mais lenta do que os turistas.

— Ah, olhe os flocos de neve lindos! — eu digo a ela enquanto aponto para os cristais brilhantes que revestem uma das janelas. Um boneco de neve se move para frente e para trás enquanto neve falsa cai atrás dele.

— Me levante, mamãe! Eu ver — Nova choraminga. Eu a agarro pelas axilas e a giro para equilibrá-la no meu quadril. Resmungo enquanto ela se contorce e se inclina para frente como se quisesse pular dos meus braços. Eu a seguro com mais força.

— Não é lindo? — pergunto.

Ela acena com a cabeça entusiasmada.

— Neve! — Ela ri e inclina a cabeça para o céu sombrio e escuro. Uma garoa fria começou a cair cerca de meia hora atrás.

— Não, querida, é chuva — eu a corrijo. Ela franze o narizinho e eu rio. — É, eu também não gosto. Esse é o clima de Chicago.

— Chi-ca-go — ela experimenta as sílabas lentamente, envolvendo a boca em cada uma. Seus olhos arregalados se afastam de mim e se voltam para as janelas coloridas. — Bonito.

É bonito. A cidade inteira está iluminada e viva com o espírito natalino. Olho para as trombetas brilhantes que enfeitam o prédio, mas uma gota d›água cai bem no meu olho. Eu a limpo e tento não resmungar. O objetivo desse passeio era que Nova experimentasse um pouco da alegria do Natal em Chicago, e assim permanecerei alegre.

Olho para a nossa frente. Mais duas vitrines antes do fim, e acho que ela está cansada porque envolve seus bracinhos em volta do meu pescoço e enterra o rosto no meu ombro. O pompom no gorro dela faz cócegas na minha bochecha.

— Ok, amorzinho — eu digo suavemente. — Vamos ver as últimas vitrines e tomar um chocolate quente. Pode ser?

Ela assente sem levantar a cabeça do meu ombro, mas vira o rosto para fora para poder ver. Caminhamos devagar — mas mais rápido agora que a carrego — para dar uma olhada nas duas últimas vitrines, então viro a esquina e entro na loja. Há uma cafeteria no primeiro andar que, com sorte, não terá muita fila.

Viro-me para a loja e paro no meio do caminho. A fila tem pelo menos vinte pessoas.

Quando foi que o Natal ficou tão cheio?

De repente, Nova parece mais pesada em meus braços, e olho para baixo para ver seus olhos se fechando. Nunca direi isso em voz alta, mas minha mãe estava certa quando disse que Nova é jovem demais para achar isso divertido. Não a ouvi. Só queria compartilhar um pouco da alegria do feriado com minha filha. É pedir demais?

Aparentemente, sim.

Olho para a porta, onde a chuva está caindo forte agora. Olho de volta para a fila, que parece estar se movendo em um ritmo decente. Há quatro baristas

atrás daquele pequeno balcão.

Chocolate quente ou arrastar uma Nova sonolenta até meu carro na chuva. Isso nem é uma escolha. Deslizo para o final da fila e coloco Nova mais para cima no meu quadril. Ela mal se mexe.

Cerca de trinta minutos depois, finalmente estou no balcão. Nova se animou com a proximidade do chocolate quente. Eu também, honestamente. Ela está ficando inquieta, então a coloco no chão antes de fazer o pedido. Dois chocolates quentes com chantilly extra e um cake pop para completar. Nova estica o braço para agarrar a borda do balcão para poder ficar na ponta dos pés para enxergar por cima dele. Entrego meu cartão e aperto delicadamente o pequeno pompom em cima do gorro dela. Ela sorri para mim como se eu fosse a pessoa mais importante do mundo dela. Meu coração — já transbordando de amor por ela, pela época do ano, por esta cidade — cresce ainda mais.

— Uhm, desculpe, senhora — o barista diz, e eu desvio minha atenção de minha filha. — Seu cartão foi recusado?

— O quê? — Franzo a testa. Pensei que tivesse dinheiro suficiente para este passeio neste cartão. Tenho certeza, na verdade. As coisas têm estado difíceis, especialmente porque tenho tentado economizar para a compra de uma casa própria, mas planejei esta viagem até o último centavo. A menos que...

Olho para o relógio no leitor de cartão. Cinco horas em ponto. Meu parquímetro deve ter acabado. O aplicativo de estacionamento que eu uso teria me cobrado automaticamente por mais uma hora. Eu não tinha calculado que pegar o chocolate quente levaria tanto tempo.

Xingo baixinho e jogo minha bolsa de fraldas no balcão para poder vasculhá-la. Eu nunca carrego dinheiro, mas também nunca organizo essa coisa, então há uma possibilidade de eu ter sorte hoje. Afinal, é a temporada de férias. Não deveria haver algum anjo da guarda cuidando de mim ou algo assim? Algum tipo de milagre de Natal esperando para acontecer?

Nova, sentindo que algo está errado, abraça minha perna e começa a choramingar.

— Eu sei, amorzinho — tento manter minha voz calma, mas minha respiração está começando a ficar superficial. Parece que algo está apertando meu peito. — Só um segundo. Tenho certeza de que tenho algo aqui. — Meu coração começa a bater mais rápido, e minha respiração está saindo em suspiros mais curtos. É o tipo de ansiedade da qual provavelmente não vou me recuperar durante a noite inteira, mas tento manter a calma pelo bem dela.

Posso sentir as pessoas atrás de mim ficando frustradas, o que me deixa ainda mais agitada. A última coisa que quero fazer é dizer a Nova que não podemos ter essa pequena guloseima. Custa menos de quinze dólares. Que tipo de mãe eu sou se não posso nem dar à minha filha algo que custa menos de quinze dólares?

E esse é o pensamento que faz lágrimas brotarem nos cantos dos meus olhos. Não vou chorar no café da Macy's na frente de Nova e todas essas pessoas, digo a mim mesma, embora isso faça pouco para diminuir a ansiedade. Na verdade, a torna ainda mais pesada. Nova aperta minha perna com mais força.

Deus, eu sou a pior mãe do mundo nesse momento. Tenho certeza disso.

Uma mão grande toca meu cotovelo. Eu pulo com o contato, o que faz com que algumas lágrimas que eu mal conseguia segurar escorram pelo meu rosto. Eu as limpo rapidamente e coloco um braço em volta de Nova.

— Permita-me — uma voz tão sedosa que parece absolutamente angelical vem da minha esquerda. É suave e reconfortante. Um anjo da guarda, de fato. Essa voz sozinha consegue diminuir minha ansiedade o suficiente para que eu me vire e olhe para o homem que está entregando seu cartão ao barista.

Meu braço em volta de Nova enrijece enquanto eu olho para o homem extremamente bonito que cheira deliciosamente a alecrim. Eu o examino de cima a baixo, passando por seu casaco de lã azul-marinho, queixo bem barbeado e pouso no cabelo grisalho e perfeitamente penteado de Beckett Camdon.

*Ah, inferno, não.* Este é o homem que me custou o projeto da casa histórica que eu queria desesperadamente assumir, porque quão legal seria trabalhar em uma casa histórica? Não só isso, o bônus que Jacob paga por cada projeto também seria a diferença entre eu dar uma entrada em uma casa própria e morar com meus pais pelos próximos seis meses. Claro, o bônus não seria liberado até o ano novo, mas sem Beckett, agora tenho que esperar um dos designers juniores ficar livre. E eles são péssimos. Babacas machistas, todos eles. Beckett me odeia, mas pelo menos não é porque sou mulher.

Mas não. Este homem teve que ficar entre mim e meu espírito natalino.

Ele não é um anjo da guarda. E eu certamente não me importo se ele está bem quentinho naquele casaco de marinheiro. Ele é o Scrooge mais Scrooge que conheço, e não tem como eu deixá-lo comprar nossos chocolates quentes.

Só que eu fiquei paralisada de choque, e a barista já está devolvendo o cartão para ele. Quando não me movo para pegar as bebidas que ela está

segurando para mim, Beckett pega a menor e se abaixa para entregá-la a Nova. Ela grita de alegria.

A barista pigarreia, e a mulher atrás de mim suspira profundamente.

— Sim, sim — eu resmungo. Pego meu chocolate quente e o saco de papel com o cake pop de Nova antes de sair do caminho.

— *Bigada* — Nova balbucia, colocando as mãos enluvadas em volta do chocolate quente.

— Sem problemas — Beckett responde, sua voz impossivelmente gentil e calorosa. Seus olhos enrugam brevemente nos cantos enquanto ele olha para ela com clara afeição. Não sei quem é esse homem, mas ele não é o Beckett Camdon que se recusou friamente a trabalhar comigo ontem à tarde no escritório de Jacob.

Ele se endireita, seus olhos azuis-gelo encontrando os meus. Eles estão frios de novo, como se eu não merecesse o calor que ele estava direcionando para minha filha. Ele poderia ser mais óbvio? Tenho certeza de que não era o projeto que ele estava rejeitando, mas sim, o fato de trabalhar comigo. Não estou surpresa. Todos os homens no escritório são assim — e a *Designs by Drawley* é composta principalmente por homens. Eles não querem trabalhar com uma mãe solteira de trinta anos que sai correndo pela porta todas as manhãs com o cabelo rebelde que não tenho tempo para fazer e manchas recentes de criança nas roupas. Não importa que eu seja uma ótima gerente de projeto. Eles me veem e correm para as colinas. Ou, pior, dizem um monte de merda machista que tenho que fingir ignorar.

É também por isso que eu precisava desse projeto para pagar a entrada de uma casa. Tenho dificuldade em encontrar pessoas para trabalhar. E Beckett disse não.

*Típico.*

Seu olhar permanece em mim por mais um momento antes de ele assentir bruscamente.

— Woodard — ele diz como se meu sobrenome tivesse um gosto ruim em sua boca.

— Imagine ver você aqui, Becky. — Uso um dos meus infinitos apelidos com ele porque isso o irrita. Sou recompensada por meus esforços com seus olhos semicerrados.

— Becky! — Nova grita, e eu solto uma risada. Provavelmente é a

adrenalina persistente do meu quase ataque de pânico que me faz rir tão alto, mas é bom. O rosto de Beckett está impassível, embora eu ache que vejo um canto de sua boca se erguer enquanto ele olha para ela novamente. Foi rápido demais para ter certeza.

Seu olhar desliza de volta para mim. Não tenho muita certeza do porquê ele ainda está aqui, de mãos vazias e apenas olhando para mim.

Finalmente me ocorre que ele não pediu nada lá atrás. Levanto uma sobrancelha para ele.

— O quê? Nenhum café tão preto quanto seu coração para atiçar o fogo dos infernos em sua barriga? — pergunto.

O canto de sua boca faz tique-taque novamente, mas dessa vez parece mais uma contração do que um vislumbre de diversão. Ele olha para Nova, depois de volta para mim.

— Pelo menos uma de vocês tem boas maneiras — ele fala lentamente. — E não, eu não estava na fila para tomar café. Estou aqui para encontrar um presente para minha mãe.

Inclino minha cabeça e cantarolo.

*Então, ele tem família*, eu divago.

— Suponho que ela o tenha ensinado suas excelentes maneiras?

Ele franze os lábios enquanto me olha com aquele olhar gelado.

— Ela me ensinou o suficiente para que eu não deixasse uma mulher empacar a fila do café.

Dou de ombros. De repente, me sinto cansada demais para uma resposta espirituosa. A ansiedade faz isso com você. Mas também não vou agradecer a esse babaca. Quinze dólares não é nada para um cara que mora em uma cobertura. Ok, não é uma cobertura, mas sei que ainda é caro e tenho certeza de que é bem legal. É o mínimo que ele pode fazer depois de me custar minha própria casa.

— Até segunda, Beckster. — Pego a mão de Nova e tento puxá-la para passar por ele, já que ele está decidido a ficar ali parado.

Mas Nova tira a mão da minha para poder acenar entusiasticamente para Beckett.

— Tchau, Becky! Feliz Natal! — Ela sorri para ele.

Eu poderia jurar que ele amoleceu um pouquinho. Ele realmente acena de

volta, o que seria fofo em qualquer outra circunstância.

Mas eu rio friamente: — É, Becky. Feliz Natal.



# Capítulo 3

## Beckett

Apesar do que Gemma Woodard possa pensar de mim, não sou um desgraçado sem coração. Minha mãe, de fato, me ensinou a tratar as mulheres direito. Ela me criou sozinha; meu pai foi embora antes que eu pudesse me lembrar dele. Ela tinha um namorado quando eu tinha uns sete anos, e ele foi embora também. Partiu nossos corações. Depois disso, fomos só eu e ela, para sempre.

Quando vi Gemma no sábado, quando entrei na Macy's, seus movimentos estavam agitados e cheios de pânico. Sua filhinha estava apertando a perna como se também estivesse com medo de alguma coisa. Ou, talvez, como se sentisse que poderia sozinha evitar que sua mãe se derretesse em uma poça de ansiedade no chão. Lembro-me de momentos como esse da minha própria infância — minha mãe chorando por causa das contas quando ela pensava que eu estava na cama, ou me dizendo que eu não poderia ter um brinquedo da loja de um dólar porque não tínhamos dinheiro para comprá-lo.

Então, só havia uma coisa a fazer. Pagar pelo pedido dela.

Quem disse que não tenho espírito natalino?

Bem, Gemma parece pensar assim. Não sei por que ela me odeia tanto, mas claramente me odeia.

Só na tarde de domingo é que percebo que ela devia estar precisando daquela reforma histórica para sobreviver. Ela não recebe o mesmo salário que

eu. Jacob paga salários menores à maioria dos seus funcionários, e eles recebem bônus por cada casa vendida. Gemma deve ver isso como algo garantido, já que a velha dona da casa não vai se mudar, então o dono vai pagar pelas reformas não importa o que aconteça.

Eu impedi Gemma de receber o dinheiro desde o início deste projeto. Então, assim como no sábado, faço a única coisa que há para fazer. Ligo para Jacob e digo a ele que mudei de ideia.

Viu? Estou transbordando espírito natalino. É por isso que fico chocado quando, quase imediatamente após entrar no meu escritório na segunda-feira de manhã, a porta se abre e fecha antes mesmo de eu ter deixado minha maleta cair no chão ao lado da minha mesa.

Eu me viro lentamente. Gemma está parada ali, respirando pesadamente. Suas bochechas estão lindamente coradas, e seus olhos verdes estão em chamas de uma forma que desperta algo profundo dentro de mim.

Mas tento ignorar o que quer que seja, porque ela definitivamente não está aqui para me agradecer.

Ela não parece estar aqui para dizer nada, apenas respirar alto e me encarar como se pudesse disparar lasers com seus globos oculares. Demoro para tirar meu casaco e pendurá-lo. No momento em que me sento na cadeira e olho para ela, seu rosto está ainda mais vermelho, seus olhos estão ainda mais ardentes, e eu ainda não tenho a mínima ideia do que está acontecendo.

— Posso ajudar, Woodard? — pergunto, mantendo meu tom comedido. A última coisa que preciso é que ela perca o controle.

— Não preciso da sua pena — ela retruca.

Eu bufo.

— O que poderia lhe dar a impressão de que tenho pena de você?

Ela abre e fecha os punhos ao lado do corpo.

— Você me viu procurando dinheiro, presumiu que eu precisava de algum tipo de cavaleiro com armadura brilhante e pagou pelo meu pedido. E então, você pegou um projeto que não queria porque se sentiu mal por mim.

— Eu não estava... — começo, mas ela me interrompe batendo notas de dinheiro na minha mesa.

— Eu não precisava que você pagasse pelo meu chocolate quente — ela diz entre dentes cerrados.

— Ok... — digo lentamente, dando uma olhada nas notas amassadas na minha mesa.

Mas ela não terminou.

— Eu sei cuidar de mim mesma — Gemma insiste, levantando o queixo e cruzando os braços.

— Não tenho dúvidas...

— E eu posso cuidar da minha filha. — É quando sua voz falha um pouco. Só o suficiente para ser perceptível. Ela aperta o maxilar contra isso, como se se fortalecer pudesse apagar o som.

Eu não sinto pena dela; não estava mentindo sobre isso. Mas a maneira como ela vacila abre algo dentro de mim que tenho a sensação de que será difícil de fechar.

Levantando-me lentamente, tiro minha carteira do bolso de trás. Eu não ia pegar o dinheiro dela, mas está claro para mim que isso é mais do que alguns dólares. Levo meu tempo colocando as notas na minha carteira, então a coloco na mesa antes de encontrar seu olhar novamente.

— Como eu estava dizendo, não tenho dúvidas de que você pode cuidar de si mesma e de sua filha. — Garanto que minha voz permaneça baixa e neutra. — Eu pensei estar fazendo uma coisa boa. Espalhando um pouco de alegria de Natal, se você prefere assim. Posso ver agora que você não precisava de nenhuma alegria extra. Peço desculpas. Isso não vai acontecer de novo.

Seus ombros relaxam um pouco, embora seus braços permaneçam cruzados.

— Ótimo.

— E quanto à casa de Indiana, eu simplesmente mudei de ideia.

Seus ombros e mandíbula ficam tensos novamente.

— Você “mudou de ideia” — ela praticamente coloca aspas no ar — porque achou que eu precisava desse show depois do seu cavalheirismo equivocado no sábado.

Balanço minha cabeça.

— Eu pensei sobre o que você disse. Preservar a história local é importante, e eu sei que a empresa poderia se beneficiar da diversificação de nossas ofertas.

Ela me olha com ceticismo enquanto levanta uma sobrancelha.

— Sério. — Era para ser uma pergunta, mas não soa como uma.

Passo a mão pelo meu cabelo.

— Olha. Isso não é de conhecimento público, mas as margens de lucro não são mais o que eram. Os preços dos imóveis estão aumentando. Os compradores de imóveis estão cada vez mais céticos em relação a flips depois de ver desastres e processos judiciais sobre casas nesses programas de televisão. Se estou fazendo isso por alguém, estou fazendo por Jacob. — Sento-me novamente e folheio distraidamente alguns papéis na minha mesa, esperando que ela não consiga ver através da meia mentira.

Ela estreita os olhos.

— Você não está fazendo isso em parte por causa do sábado?

Dou um rápido suspiro. Ela não vai deixar isso passar a menos que eu realmente deixe claro.

— Woodard, o que há em mim que sugere que eu assumiria um projeto com uma dona de casa que certamente tem opiniões diferentes das minhas, em Indiana, três semanas antes do Natal, com você, de todas as pessoas, por algum "cavalheirismo equivocado"?

Eu a encaro, e nós nos encaramos por tempo suficiente para que comece a ficar desconfortável. Mas se ela não recuar, eu também não vou. Ela precisa desse projeto, quer ela queira admitir para mim ou não.

Eventualmente, Gemma aperta os lábios em uma linha fina e acena com a cabeça secamente. Ela se vira e abre a porta do meu escritório.

Solto um longo suspiro pelos lábios franzidos.

— Mal posso esperar para trabalhar com você, Woodard — murmuro baixinho, minha voz pingando sarcasmo. Espero realmente não ter cometido um erro ao concordar com este projeto.

— Eu ouvi isso, Bucky — ela responde assim que a porta se fecha atrás de si.

Ela me lança um olhar furioso pela janela ao lado da porta. Seus olhos me seguem enquanto ela caminha lentamente para fora de vista. Quando ela não consegue mais virar a cabeça para me encarar, ela se vira para andar para trás. Ela me mantém em sua linha de visão até que todo o seu corpo desapareça da minha vista.

É tão ridículo que não consigo deixar de rir. Felizmente, consigo segurar minha risada até que ela esteja fora do alcance da voz. A última coisa que preciso é que ela saiba que acho suas palhaçadas divertidas. Isso só vai encorajá-

la.



# Capítulo 4

## Gemma

— Não, não, não, não, não — eu gemo enquanto meu carro estremece. Bato no volante, mas um gemido alto vem de algum lugar na minha frente. — Ah, meu bem, eu sinto muito — suavizo. Não vai doer mudar minhas táticas, certo? Acaricio o painel gentilmente para garantir, mas não adianta. O carro engasga enquanto eu ligo meus piscas e paro cuidadosamente no acostamento. Alguém buzina com raiva para mim enquanto passa em alta velocidade. Eu aceno meu dedo médio para fora da janela do lado do motorista enquanto puxo meu freio de emergência, mas ele já foi embora há muito tempo.

E eu estou presa aqui. Na I-80. Eu nem consegui sair de Illinois.

Para piorar, estou exausta. Nova acordou três vezes ontem à noite. Ela não estava chorando nem nada, apenas balbuciando, mas como dividimos um quarto, eu também fiquei acordada.

Hoje é o dia em que Beckett e eu devemos ter nossa reunião inicial com a Sra. Emma Dash, a dona da casa histórica em Indiana que vamos reformar. Íamos fazer um tour pelo lugar e pegar algumas ideias dela sobre o que ela quer para sua casa. Eu ia começar o projeto que finalmente me daria dinheiro suficiente para uma entrada em uma casa.

Agora, se eu conseguir chegar lá, terei que gastar o dinheiro em um carro novo. Se eu não tivesse minha filha para transportar, poderia pegar o trem para a cidade todos os dias para trabalhar. Infelizmente, para mim, um carro é uma

necessidade.

E a pior parte de tudo isso é que Beckett Camdon, o próprio solitário certificado, se ofereceu para me dar uma carona.

— Não leve a mal, Woodard — ele disse rispidamente depois que eu o provoquei por ser legal. — Você está literalmente a caminho.

Mas eu insisti, mais uma vez, que não precisava de suas esmolas. Eu iria dirigir, muito obrigada. Não sou idiota. Sei o que ele está fazendo. "Espalhando um pouco de alegria de Natal", o caramba. Aquele homem tem tanta alegria de Natal em todo o corpo quanto eu tenho no meu mindinho esquerdo. Ele diz que comprar meu chocolate quente não foi pena, mas eu sei que foi. E agora, ele não consegue se conter.

Mas meu Honda de quinze anos e duzentos mil quilômetros rodados tem outras ideias, aparentemente. Ele teve uma vida boa, esse carro. Ele me tratou bem.

Tento fazer o motor pegar novamente, esperançosa de que depois de um minuto de descanso, ela volte à vida.

Não tive sorte. Ele está morto.

Olho para o painel por mais um minuto enquanto roo minhas unhas. Eu poderia chamar a assistência na estrada e pedir para rebocarem o carro. Não estou tão longe de casa, então também poderia ligar para meu pai para me buscar. Ele é o homem mais maravilhoso do mundo inteiro. Ele me levaria para Indiana e voltaria sem nem piscar. Mas uma rápida olhada no relógio me diz que já estou perigosamente perto de me atrasar. Se eu tiver que esperar meu pai vir me buscar, chegarei cerca de uma hora depois do que prometi. E já posso ouvir o suspiro exasperado de Beckett e ver suas feições esculpidas se contraírem em aborrecimento.

Não resta nada a fazer além de engolir meu orgulho.

Abro meu telefone e toco no número de Beckett antes que eu possa pensar duas vezes.

Continuo roendo minhas unhas enquanto ele toca uma, duas, três vezes.

— *Woodard* — sua voz rouca vem do outro lado da linha. — *Deixe-me adivinhar. Você vai se atrasar.*

— Bom dia para você também, Beckie-Bear — eu me encolho silenciosamente com esse apelido. Comecei a provocá-lo logo depois que fui contratada, principalmente porque ele se recusava a usar meu primeiro nome,

então eu me recusei a usar o dele. Era tão fácil irritá-lo com isso. Ele é sempre tão correto e organizado. Imaginei que alguém poderia derrubá-lo. Agora, seria estranho se eu parasse, mas esse não foi meu melhor trabalho.

Ele fica em silêncio por um longo momento, e posso ouvir os sons de seu carro chique voando sobre a rodovia.

— *Você precisa de alguma coisa?* — ele pergunta categoricamente.

— Uhm... — Eu paro. Isso vai doer, mas estou começando a conseguir ver minha respiração agora que o aquecedor não está funcionando. — Onde você está? Acha que poderia parar e ajudar uma donzela em perigo no acostamento da I-80 sentido leste? — Tento manter meu tom leve, mas encosto minha testa no volante enquanto fecho meus olhos. Isso doeu. E muito.

Ele fica em silêncio novamente, e dessa vez consigo cortar a tensão que vem da linha com uma faca. Ele não está feliz com isso. Posso dizer pela sua respiração pesada.

— *Em qual quilômetro?* — sua voz é concisa. Estremeço ao som dela.

Estreito os olhos para o sol nascente de inverno.

— Consigo ver a saída para a Dixie Highway. Acho que estou a oeste de Homewood?

— *É seu dia de sorte, Woodard. Estou cerca de dez minutos atrás de você.* — Felizmente, sua voz perdeu a firmeza. Não é amigável. Não tenho certeza se ele é capaz disso. Mas não está irritada.

Solto um suspiro de alívio.

— Ótimo. Incrível. Muito obrigada.

— *Não seja por isso* — ele diz e desliga imediatamente.

Inclino minha cabeça para trás até bater no encosto de cabeça, segurando meu telefone na mão sem luvas. Dirigir para Indiana e voltar com Beckett Camdon não é como eu queria que o dia fosse, mas as coisas poderiam ser piores. Pelo menos ele estava a caminho, e eu não estou encalhada.

Dou a mim mesma um minuto extra para respirar fundo algumas vezes e então disco o número do meu pai. Ele atende no primeiro toque.

— *Oi, Gemmy-bear. Nova está aqui comendo aveia. Ela adora! Não adora, amorzinho?*

Não consigo deixar de sorrir, mesmo estando quebrada na beira da estrada. Meu pai ama sua neta além da razão. Ele e minha mãe não são apenas meus

atuais senhorios, mas também são minha creche. Sei o quanto sou sortuda por tê-los ao meu lado. Muitas pessoas não têm o apoio de suas famílias, e eu o tenho de sobra. Mas isso não torna mais fácil pedir ajuda a eles.

— Isso é ótimo, pai. Qual é o sabor? — Fico enrolando neste doce momento o máximo que posso.

— *Morangos com creme. Esse também sempre foi seu favorito.* — Posso ouvir o sorriso em sua voz.

— Ainda é. Escute… — Eu paro e levo minhas unhas à boca novamente. Elas não existirão mais até o fim deste projeto se as coisas continuarem assim. — Meu carro quebrou na rodovia. Está tudo bem! — acrescento rapidamente, antes que ele fique muito preocupado. — Estou bem. Vou rebocá-lo. Meu colega de trabalho está um pouco atrás de mim, então ele vem me pegar. Mas o carro provavelmente ficará aqui por um tempo, e eu não queria que você se preocupasse.

— *Você quer que eu vá lá e cuide do caminhão de reboque, Bear? Eu não me importo. Sua mãe pode ficar aqui com Nova.*

Fecho meus olhos e solto um suspiro apertado.

— Não, está tudo bem. Eu vou... resolver isso.

— *Eu posso pelo menos levá-lo para uma oficina para você* — ele oferece novamente.

Solto uma risada tensa.

— Provavelmente seria melhor levar ao ferro-velho.

— *Bem, é verdade* — ele admite com uma risada muito mais leve que a minha. Ele nunca gostou que eu dirigisse esse carro velho indo e voltando do trabalho. — *Tem certeza de que está bem, Gemmy? Você parece estressada.*

Isso é um eufemismo. Planejando o Natal para uma criança, tentando comprar minha casa própria, trabalhando com o Sr. Rabugento em um projeto que ele nunca quis para começo de conversa, não poder pagar pelo chocolate quente e agora problemas com o carro ainda por cima. Estressada nem começa a descrever.

Eu coloco minha cara mais feliz, mesmo que ele não possa me ver. Fingir até conseguir, como dizem.

— Estou bem, papai — eu digo alegremente. — Foi apenas algo inesperado, só isso.

*— Ok, querida. Bem, nos avise quando você chegar lá em segurança. Sentimos sua falta, não é?* — A última pergunta foi dirigida a Nova, que confirma docemente ao fundo.

Nós nos despedimos, e eu começo a vasculhar o porta-luvas em busca do número da assistência na estrada. Estou tão focada em tentar encontrá-lo que chego a pular de susto quando alguém bate na porta do meu passageiro. Minha mão voa para o meu peito, e minha respiração começa a ficar rápida.

— Merda. Você me assustou! — grito para o rosto carrancudo de Beckett enquanto ele se inclina para olhar pela janela. Ele abre a porta e aperta suas pernas longas no banco do passageiro, ajustando seu casaco de lã enquanto se senta. Ele fecha a porta rapidamente e se vira para olhar para mim.

Sua carranca se aprofunda enquanto ele me olha de cima a baixo. Provavelmente avaliando as manchas em minhas roupas ou algo assim.

— Você está bem? — ele pergunta asperamente.

— Uau. Como se você se importasse — eu disparo de volta. Estou de mau humor agora, e ele está apenas atiçando o fogo com suas atitudes de merda.

Ele engole em seco enquanto suas sobrancelhas pretas e espessas se juntam.

— Você está bem — ele diz novamente. Desta vez, não é uma pergunta.

— Estou bem. É meu carro que está quebrado — eu o lembro.

Ele me olha de cima a baixo novamente. Ele estava... preocupado? Não. Não tem como.

Mas ele não diz nada, e me encarando assim sem palavras começa a ficar estranho. Decido quebrar o silêncio, já que ele não vai fazer isso.

— Eu ia chamar um guincho...

— Já chamei — ele me interrompe.

Pisco algumas vezes. O frio está começando a confundir meu cérebro, eu acho.

— Você, o quê?

— Chamei um guincho. Eles devem chegar em meia hora. Podemos esperar com o carro, se quiser. Ou eles disseram que podem rebocá-lo até a oficina mais próxima para a gente pegar na volta.

Levanto uma sobrancelha.

— Você achou que meu cérebro de moça não conseguiria processar o que

fazer com meu probleminha com o carro?

Ele se recua um pouco no assento.

— Não. Por que eu pensaria isso?

Aperto os lábios e respiro fundo.

— Você não deve ter estado em um canteiro de obras com uma mulher há algum tempo. Insultar meu gênero é meio que normal.

Beckett volta a me olhar silenciosamente, embora dessa vez pareça um pouco curioso. Não é natural ver tantas emoções em seu rosto em uma interação. Eu até gostaria que não fosse tão desagradável. Depois de um minuto, ele balança a cabeça como se quisesse clareá-la.

— Conheço um cara por aqui. Ele arruma meu carro. Liguei para ele porque não sabia se você tinha assistência na estrada.

— Você traz seu carro até Homewood para trocar o óleo? — pergunto com ceticismo. — Não tem ninguém mais perto da sua cobertura?

— Eu não tenho uma cobertura, e esse cara é o melhor. — Ele dá de ombros como se não fosse nada.

— Claro que sim. — Giro minha cabeça contra o encosto de cabeça para poder ver pelo para-brisa. Eu suspiro, derrotada. — Ele provavelmente é caro também.

— Ele me deve uma — Beckett comenta.

Eu viro minha cabeça para ele.

— Não.

— Não, o quê?

— Simplesmente não. Você não vai pagar para rebocar meu carro.

Ele olha para mim como se eu devesse ser ainda mais idiota do que ele pensava originalmente.

— Você está certa. Eu não vou pagar. Ele me deve — Beckett repete lentamente, como se estivesse falando com uma idiota.

— Então use o favor com você.

Ele zomba.

— Meu carro não vai quebrar.

— Como eu poderia esquecer? — pergunto sarcasticamente. — Beckett

Camdon só tem o que há de melhor.

Eu poderia jurar que seus olhos azuis claros brilham ao usar seu nome completo. Provavelmente de raiva. Ou surpresa. Ele pigarreia.

— Você quer esperar com seu carro? — A pergunta é gentil e cheia de compreensão. Mas não simpatia. Ele está apenas sendo... legal. O que é inesperadamente atraente. Mas também está claro que ele não vai me deixar chamar meu próprio guincho. O que pode ser também que ele esteja sendo legal.

Isso me deixa completamente desconcertada.

— Uhm... — eu gaguejo. Passo a mão no volante, desejando que o nó na minha garganta não suba. Este carro passou por muita coisa comigo. Dizer adeus a ela na beira da estrada está me deixando triste.

Beckett apenas espera por mim. Não parece impaciente ou mal-humorado. Quase parece que ele entende.

— Não — eu digo finalmente. — Já estava na hora. Eu meio que duvido que seu cara pense que vale a pena consertar esse carro. Vamos embora. — Deslizo meu olhar do painel para encontrar o dele, que está impassivelmente fixado em mim. — Mas é seu dia de sorte. Você pode passar ainda mais tempo comigo. — Eu torço minha boca com força em um sorriso cafona.

— Ah, que alegria — ele responde sem emoção alguma.

Aí está o Beckett que eu conheço. Isso me acomoda por estar em terreno mais firme com ele. Bato no volante uma vez e verifico meu espelho retrovisor antes de sair do carro. Ele segue atrás.



# Capítulo 5

## Beckett

Por uma semana inteira, não consegui tirar da cabeça a imagem de Gemma procurando dinheiro na bolsa. Ela disse que tenho pena dela. Não tenho. Ela pode ser um pouco atrapalhada, mas é uma mulher forte. Ouvi-a falando com empreiteiros no telefone no escritório. Ela não aceita desaforo de ninguém. Mas vê-la quase em pânico trouxe à tona algumas lembranças da minha mãe que pensei ter escondido há muito tempo.

Toda vez que tentei falar com ela sobre o projeto nos últimos dias, ela se fechou. É como se seu brilho perpétuo tivesse sido substituído pelo ceticismo. Descobri que não gosto muito disso.

Então, quando ela me ligou a caminho da casa dos Dash e sua voz soou trêmula e derrotada, algo me ocorreu. Como se ver seu cinismo crescer a cada dia tivesse me mudado de alguma forma, e ouvi-la se quebrando fosse demais para suportar.

Não hesito. Piso no acelerador e ligo para o meu mecânico no caminho até ela.

Não consigo descrever a sensação que tenho quando deslizo para o banco do passageiro do seu carro e vejo que ela está bem. Gemma não me contou o que aconteceu. Pelo que eu imaginava, o carro dela estaria pegando fogo. Então, quando a vejo, não consigo deixar de examiná-la. O pior que posso dizer sobre ela é que suas unhas estão roídas até a carne e seu nariz está rosado de frio.

Ela está simplesmente... *bem*.

Mas isso é provavelmente o melhor que posso dizer sobre ela também, enquanto está sentada no meu carro sem dizer nada, alternando entre morder o lábio e as unhas, observando a paisagem insípida de inverno passar por nós durante todo o trajeto até a casa dos Dash.

Se ela quer viajar em silêncio, tudo bem para mim. Eu prefiro. Mas não consigo me livrar da sensação de que devo dizer algo, nem que seja para impedi-la de mastigar seus pensamentos junto com as unhas.

Gostaria de ser melhor em puxar papo. Quarenta anos, e nunca consegui dominar essa habilidade. Na verdade, piorou conforme fui ficando mais velho. Provavelmente porque vejo cada vez menos necessidade de deixar outras pessoas confortáveis quanto mais tempo estou neste planeta. Mas isso não muda o fato de que, agora, seria uma boa habilidade de se ter.

Quando chegamos à casa dos Dash, no entanto, Gemma suspira. Honestamente, compartilho do sentimento. A casa é, em uma palavra, *enorme*. Tem dois andares inteiros com janelas de sótão em um terceiro andar menor — provavelmente um sótão. Há uma enorme varanda envolvente e várias entradas. De onde estamos sentados, parece que o revestimento e a varanda foram reformados. Parece novo em folha. O revestimento é pintado de um amarelo canário brilhante, e a varanda e a cerca ao redor foram caiadas de branco. Não é minha primeira escolha de paleta de cores, mas lembro a mim mesmo que este projeto de design não é sobre o que eu escolheria. Estou aqui a contragosto para deixar a Sra. Dash feliz.

Após uma inspeção mais detalhada, as janelas parecem empenadas. A luz do sol refletida nos vidros está distorcida, e há um padrão clássico de diamante em algumas delas. Vidro com chumbo, provavelmente. Interessante.

Eu também observo a paisagem. Esta enorme e antiga casa de fazenda fica em cem acres de terra no noroeste de Indiana. Seria o local perfeito para uma pousada ou um local para casamentos, ambas as possibilidades que eu sei que Gemma conversou com a Sra. Dash.

A porta da frente se abre, e exatamente o tipo de velha que eu esperaria que fosse dona deste lugar sai. Seu cabelo é grisalho e preso em um coque frouxo no topo da cabeça. Ela está vestindo um velho moletom marrom de gola redonda e uma calça jeans larga cujas barras são rapidamente enfiadas em botas como se ela as tivesse calçado quando nos viu nos aproximando. Ela puxa um enorme xale de crochê sobre os ombros contra o frio da manhã de dezembro. Ela parece

que poderia ser a esposa de um fazendeiro, embora eu saiba que esta terra não é usada para nenhuma agricultura de verdade há pelo menos uma década.

Gemma não perde tempo saindo do carro. Ela nem olha para mim enquanto abre a porta e sai. Isso me faz pensar se a viagem foi tão insuportável que ela não consegue ficar neste carro comigo por mais um minuto. O pensamento disso envia uma pontada inesperada no meu peito. Que porra é essa? Eu me chacoalho como se isso pudesse tirar a sensação de mim.

— Bom dia, Sra. Dash! — ela diz enquanto bate a porta atrás de si. Eu ainda preciso de um minuto para me recuperar dessa sensação estranha, mas parece que não tenho esse tempo. Eu me esforço para desligar o carro e sair, me sentindo instável e um pouco trêmulo.

A Sra. Dash encontra Gemma na metade do caminho para a varanda, e eu estou na retaguarda quando um cachorro enorme e cinza sai correndo pela porta da frente. Não, não é um cachorro. Parece mais um cavalo. Eu congelo, e devo fazer um barulho porque Gemma se vira e me vê ali, de olhos arregalados, encarando aquela criatura monstruosa que parece ter olhos apenas para mim.

Gemma não hesita. Ela dá um passo na frente do cachorro, cai de joelhos e abre bem os braços. Aquela coisa salta direto para seus braços abertos. Ela o envolve em uma espécie de abraço enquanto esfrega suas orelhas e o deixa lamber seu rosto.

*Que nojo.*

— E quem é essa fera magnífica? — ela cantarola, olhando para a Sra. Dash enquanto a coisa continua a pressionar sua língua plana contra sua bochecha e pescoço.

— Este é Periwinkle. Nós o chamamos de Perry para abreviar.

— Periwinkle? — arfo, minha voz mais alta do que eu esperava, então pigarreio.

A Sra. Dash ri. É um som profundo e ofegante.

— Meu filho deu esse nome a ele há muito tempo. — Ela me olha cuidadosamente. — Ele é grande, mas é velho e praticamente cego. Não vai te machucar.

— Claro — murmuro baixinho.

Gemma deve me ouvir, porque ela bufa.

— Não é fã de cachorros?

Levo um momento para ajeitar meu casaco de lã e tirar um pouco de fiapo da frente.

— Não — digo com firmeza.

— O sentimento provavelmente é mútuo — ela murmura alto o suficiente para eu ouvir enquanto coça o queixo do cachorro. — Cães são excelentes juízes de caráter.

— Perry, vá brincar com alguma coisa — a Sra. Dash ordena com uma palmada. O cachorro a observa por um momento e então salta para longe. — Não se preocupe, ele não vai voltar por horas. Perry é um cachorro que fica fora de casa. — Ela cruza a distância entre nós e estende a mão para mim enquanto Gemma se levanta e se limpa. — Emelia Dash. É um prazer conhecer vocês dois.

Aperto a mão dela com firmeza.

— Beckett Camdon, designer de interiores — me apresento. — Nós conversamos ao telefone.

Ela assente e estende a mão para Gemma, que a pega e aperta com entusiasmo.

— Gemma Woodard. Serei a gerente de projeto da sua reforma. — Ela olha para a casa e um sorriso ilumina todo o seu rosto. — Tenho que dizer que estou muito animada com isso.

A Sra. Dash sorri enquanto se vira e caminha rapidamente em direção à casa.

— Bem, entrem e saiam do frio. Imagino que vocês queiram ver com o que irão trabalhar.

Com a confiança restaurada, inclino-me um pouco ao passar por Gemma a caminho da casa.

— Puxa-saco — murmuro em seu ouvido.

— Pelo menos não tenho medo de um cachorrinho — ela retruca.

Isso me faz parar no meio do caminho.

— Cachorrinho?! — exclamo.

Gemma apenas dá de ombros e continua subindo os degraus da varanda.

— Inofensivo, de qualquer forma.

— É tudo diversão e brincadeira até alguém ter a cabeça arrancada —

resmungo enquanto a sigo.

— É mais provável que *eu* arranque sua cabeça. — Ela tem a audácia de se virar e estalar os dentes para mim enquanto cruzamos a soleira da casa. Tenho uma resposta na ponta da língua, mas a Sra. Dash bate palmas novamente como uma professora tentando chamar a atenção da turma.

— Vamos começar, certo? — Ela levanta os braços e olha ao redor.

O espaço é enorme, com tetos altos e um lustre de ferro forjado iluminando o espaço com uma luz quente. É mais escuro do que eu esperaria para um acessório tão grande, e faço uma anotação mental para descobrir o porquê.

— Este é o saguão, obviamente — a Sra. Dash diz. — Eu adoraria manter o amarelo de fora para este espaço para dar continuidade.

Mordo a parte interna da minha bochecha para evitar que minha careta apareça em meu rosto.

— Se você está buscando claridade — começo cuidadosamente —, poderíamos usar muitos brancos e cremes. Isso mantem o ambiente limpo e neutro.

— Eu gosto de cor. — A Sra. Dash cruza os braços. — Branco não é uma cor. — Ela se vira e entra mais na casa.

— Tecnicamente, branco é a junção de todas as cores — resmungo.

Gemma bufa.

— Quando pedi para trabalharmos juntos neste projeto, eu sabia que você ficaria mal-humorado, mas você está se superando.

Ela segue a Sra. Dash pelo corredor. Eu fico para trás sob o pretexto de digitar algumas notas no meu aplicativo de telefone, mas na realidade, estou chocado. Meu coração pula algumas vezes enquanto processo o que acabei de ouvir. *Ela pediu para trabalhar comigo? Por que ela faria isso?*

Seu grito me tira do meu pensamento.

— Você sabe o que seria perfeito neste espaço? — ela exclama em voz alta. — Uma geladeira retrô azul-petróleo.

*Ah, inferno, não.*

Eu corro em direção a elas o mais rápido que posso, mas estou atrasado. A Sra. Dash junta as mãos e as pressiona contra os lábios em uma clara demonstração de alegria extática. Ela olha para mim com olhos grandes, suplicantes e esperançosos.

— Por favor, Sr. Camdon. Podemos incluir isso no design?

Rosno baixinho e olho feio para Gemma, que está parada um pouco atrás da Sra. Dash com os braços cruzados e um sorriso satisfeito no rosto.

— Ah, Bex pode fazer isso, Sra. Dash. Não deve ser um problema.

— Maravilhoso! — ela exclama, então se afasta de nós para a sala ao lado.

É por isso que Gemma pediu para trabalhar comigo? Para que ela pudesse me irritar continuamente? Isso seria mais do que decepcionante.

E, no entanto, essa provocação está muito diferente de sua roedura silenciosa de unhas no carro a caminho daqui. É como se ela estivesse em seu habitat, falando sobre design de projeto e listas de desejos de clientes. Como se seu trabalho tirasse um pouco dessa ansiedade.

É quase um alívio vê-la de volta ao seu eu normal.

Mas não posso dizer isso a ela. Gemma distorceria de alguma forma e atiraria de volta em mim ou ficaria constrangida novamente. Então, em vez disso, digo: — Você está repetindo os apelidos, sabia?

Gemma balança a cabeça.

— Não estou. Esse é escrito com um X. O outro era um S.

Eu recuo, incrédulo.

— Isso é trapaça.

Ela apenas dá de ombros e segue a Sra. Dash novamente. Estou ficando um pouco cansado de ficar para trás, então acelero atrás delas.

O que se segue é um tour pela casa gigante com a dona nos contando todas as coisas que ela adoraria ver mudadas. A sala de jantar precisa de uma mesa enorme para acomodar os convidados e algumas outras atualizações. A sala de estar precisa de uma sensação mais aconchegante, embora meus olhos se fixem na lareira gigante que definitivamente vou usar como ponto focal para a sala, e um lindo piano de cauda na área de estar que definitivamente ficará. Através da área de estar há um escritório e um banheiro, ambos em boas condições.

A cada passo, porém, a Sra. Dash sugere combinações de cores selvagens que não têm nada a ver com uma casa. Gemma, para seu crédito, não a provoca mais. Em vez disso, ela mexe em seu telefone de vez em quando e pede para ver os quartos.

Felizmente, a Sra. Dash está aberta a uma paleta mais neutra para esses quartos, pois eles serão principalmente para hóspedes. Eles claramente não são

usados há anos e têm um cheiro abafado que precisa ser arejado.

Olho para Gemma enquanto fechamos a porta do último quarto. Ela bate no telefone algumas vezes e acena para a Sra. Dash.

— Você tem porão?

— Ah, sim, mas não é um espaço habitável. Está completamente inacabado — ela responde.

— Com a extensão das reformas, gostaríamos de vê-lo de qualquer maneira, se estiver tudo bem. Só para dar uma olhada. — Gemma sorri tranquilizadoramente, e a Sra. Dash acena.

Ela nos leva por dois lances de escada até o porão. É quase todo de concreto. Eu ilumino o vão subterrâneo na parte de trás com a lanterna do meu celular. Gemma tira uma bolinha de gude do bolso e a coloca no chão. Ela rola lentamente para a esquerda antes de bater na parede.

Isso não é bom.

— Ah, meu Deus — a Sra. Dash diz. Ela deve ter algum conhecimento sobre fundações.

— Não se preocupe. Nós vamos nivelar a fundação antes de começarmos a reforma — Gemma a tranquiliza.

— Isso vai afetar nosso orçamento — eu digo lentamente.

A Sra. Dash ignora isso com um aceno.

— Meu falecido marido me deixou mais dinheiro do que eu sei o que fazer com ele. Como eu disse à sua parceira no telefone, não há orçamento máximo.

— Tenho certeza de que o Beckinator aqui vai utilizar bem essa afirmação — Gemma diz secamente enquanto envia outra mensagem. — Um dos nossos rapazes pode vir dar uma olhada amanhã, Sra. Dash. Levará cerca de uma semana, o que provavelmente atrasará um pouco nosso cronograma. — Ela rói uma unha enquanto considera algo. — Mas provavelmente posso compensar pelo menos parte do tempo. Você tem algum lugar onde possa ficar enquanto eles trabalham? Vai ser mais rápido se você não estiver morando na casa com tudo acontecendo.

— Ah, sim — diz a Sra. Dash. — Eu já ia para a casa do meu filho no Natal, de qualquer forma, e ia ficar até vocês terminarem aqui para poder deixar vocês trabalharem em paz. Tenho certeza de que ele não se importará se eu chegar um pouco mais cedo. — Ela inclina a cabeça, então seu rosto se ilumina

como uma árvore de Natal enquanto ela volta sua atenção para mim. — Você acha que poderíamos fazer uma dessas revelações como fazem nos programas? Onde você cobre meus olhos até eu entrar, e então eu os abro e fico impressionada com o trabalho que vocês fizeram?

Por que diabos ela está me fazendo essa pergunta? Eu pareço o tipo de cara que faz revelações? Meu olhar se volta para Gemma, que está tentando desesperadamente segurar uma risada. Tento transmitir apenas com minha expressão que ela deveria ser a pessoa a responder a essa pergunta. Quando ela apenas balança a cabeça enquanto seu corpo estremece com risadinhas reprimidas, eu abro um sorriso rígido na direção da Sra. Dash.

— Claro.

— Ah, fantástico! — Ela pula um pouco e bate palmas. — Agora, vamos sair desse porão assustador.



# Capítulo 6

## Gemma

Terminamos com a Sra. Dash pouco antes do almoço. Ela tenta nos fazer ficar e comer, mas posso dizer que Beckett está desconfortável. Por mais que eu ame vê-lo se contorcer, acho que já causei problemas o suficiente hoje. Concordo em ir embora, embora eu vá fazê-lo parar para comer um sanduíche no caminho para casa.

Nos despedimos, e o telefone de Beckett toca alto quando entramos no carro. É o toque do velho telefone de disco, que é tão dele, é quase como se alguém tivesse escrito. Ele desliza para trás do volante e atende sem ligar o carro. Esfrego minhas mãos, então as deslizo sob minhas coxas para afastar o ar já frio enquanto observo a Sra. Dash entrar novamente em sua casa.

Beckett me olha de soslaio, então diz: — Sim. Certo. Ótimo — e desliga o telefone. Sua cabeça se vira lentamente em minha direção. Aqueles olhos azuis-gelo me perfuram, e uma pequena parte de mim se deleita com seu foco singular. Mas a maneira como ele está me encarando também me deixa muito, muito nervosa. — Quando foi a última vez que você trocou seu filtro de combustível? — ele pergunta.

— Meu, o quê?

— Seu filtro de combustível. No seu carro.

Eu franzo a testa.

— Como eu vou saber?

— Você não sabe que tipo de manutenção de rotina você fez no seu veículo e quando fez?

— É manutenção de rotina trocar um filtro de combustível?

Beckett passa a mão pelo cabelo que ainda está mais grisalho do que o normal e solta um sopro de ar exasperado pelos lábios franzidos.

— Sim, Woodard. Isso é manutenção de rotina.

— Ok... — eu digo lentamente, curvando-me e olhando pela janela do passageiro. Minha mão involuntariamente encontra o caminho para minha boca novamente para que eu possa roer a unha do meu dedo anelar. — Então, eu matei meu próprio carro. Você não precisa esfregar isso na minha cara. — Pareço uma criança mal-humorada, mas nem me importo. Uma coisa é provocá-lo sobre suas escolhas de design; outra é me fazer sentir uma merda porque não consigo lidar com minha própria vida.

— Você... o quê? Não. — Ele agarra meu pulso e o puxa gentilmente para longe de mim. — Pare de fazer isso. Logo você não terá mais unhas.

Sua mão é tão quente e agradável. Isso me choca, porque parece tão incongruente com seu exterior ríspido, e estou surpresa ao descobrir que gosto do toque dele no meu pulso. Há algo tão gentil e reconfortante nisso. Quase tira um pouco da tensão dos meus ombros. *Quase*.

Reviro os olhos, lutando para controlar meus hormônios.

— Claro, mãe.

Ele me observa por um longo momento. Tempo suficiente para que sua expressão se suavize, e eu comece a ficar desconfortável novamente.

— Por que você está me olhando desse jeito? — pergunto enquanto me mexo no assento. O couro range sob mim. Claro que sim. Só mais um lembrete de outra coisa que não poderia comprar nem nos meus sonhos mais loucos.

— Seu carro está bom. Meu mecânico só teve que trocar o filtro. Podemos buscá-lo no caminho de volta.

Eu me endireito no assento.

— Você está falando sério? — pergunto animadamente, então me afundo de novo quando lembro o rombo que isso vai causar em minha carteira. — Quanto isso vai me custar?

— Nada.

Eu levanto minhas sobrancelhas franzidas, então olho para ele como se ele

estivesse completamente perdido.

— Como assim?

— O que quero dizer — ele diz cuidadosamente —, é que não vai custar nada. Eu te disse, ele me deve.

— Ele te deve um guincho de última hora, peças e mão de obra em um carro que nem é seu?

Ele solta um suspiro longo e sofrido.

— Todos os guinchos são de última hora.

Jogo minhas mãos para cima e as bato nas minhas coxas demonstrando minha frustração.

— Você não respondeu à minha pergunta.

— Qual é a pergunta? — ele pergunta, igualmente irritado.

— Você é inacreditável! — exclamo.

— Isso ainda não é uma pergunta.

Eu o encaro e engulo em seco.

— Eu já te disse antes, BK. Eu sei cuidar de mim mesma.

Meu alívio por ser capaz de inventar outro apelido na hora depois de quase ser pega reutilizando um dura pouco. A expressão de Beckett fica suave novamente, e ele inclina a cabeça.

— Eu sei que você sabe se cuidar, Woodard. Mas isso significa que você nunca pode deixar ninguém fazer nada de bom para você?

Eu recuo como se ele tivesse me batido.

— Eu deixo as pessoas fazerem coisas boas para mim.

— Você nem me deixou te pagar um café.

— Era chocolate quente — eu retruco —, e acho que nós dois sabemos que não era sobre a bebida. Eu não quero que as pessoas paguem pelas minhas coisas, especialmente quando acham que eu não consigo fazer isso sozinha. Eu consigo.

Ele me estuda novamente, então acena uma vez e engata a ré para sair da garagem. A conversa acabou, eu acho. De volta ao silêncio constrangedor enquanto vejo o Midwest passar por mim no carro chique de Beckett.

Beckett entra na estrada rural que nos levará à rodovia enquanto diz: — Não

vou pagar pelo seu carro. Esse cara é um amigo meu. Emprestei dinheiro a ele para abrir a oficina. — Ele olha para mim e então volta sua atenção para a estrada. — Ele me pagou de volta, mas ele faz um favor ou outro para mim de vez em quando. Então eu pedi mais um. Mas se seu orgulho não permitir que você aceite um gesto gentil no Natal, então provavelmente dará um total de cerca de quinhentos dólares.

Meus olhos praticamente saltam do meu rosto. Não posso desembolsar quinhentos dólares se quero conseguir comprar uma casa.

— Bem, se fazer esses favores para você o faz se sentir bem, longe de mim tirar isso dele.

Beckett cantarola de um jeito como quem diz “foi o que eu pensei”. É irritante, mas de repente estou cansada demais para rebater. A adrenalina que eu estava por encher o saco dele na casa dos Dash está passando, e a falta de sono da vigília de Nova na noite passada deve estar me afetando. É especialmente difícil ficar acordada com a paisagem passando hipnoticamente. Eu me acomodo em meu silêncio.

Depois de alguns minutos, estou quase cochilando quando ele diz, baixinho: — Você pediu para trabalhar comigo.

Eu não tiro os olhos da paisagem de inverno, ainda cansada demais para responder a ele, mentir ou até mesmo provocar.

— Pedi.

— Por quê? — sua voz é rouca, como se só fazer a pergunta exigisse um bom esforço.

Eu poderia dizer algo sarcástico sobre como eu amo seus modos teimosos e suas cores neutras chatas. Mas qual é o sentido disso? Estou muito esgotada para sequer pensar em um apelido idiota, muito menos mentir. A verdade é que ele não é a pessoa mais fácil de se trabalhar, mas ele não é um cara mau. É por isso que comecei com os apelidos, originalmente. Depois que o conheci, irritá-lo acabou sendo um bônus. Os outros caras no escritório tinham nomes idiotas que usavam para chamar uns aos outros, e ele era o único que insistia em me chamar apenas pelo meu sobrenome. Não “querida”, ou “queridinha”, ou pior. Não sei se ele me respeita — essa pode ser uma palavra forte. Mas ele não me menospreza, e quanto mais minha ansiedade aumentava, mais eu precisava que esse trabalho fosse fácil.

— Sinceramente, Beckett? Eu precisava de uma vitória antes do fim do ano, e você é o único cara na empresa que não me dá sermões sobre minha filha ou

sobre ser mulher ou uma série de outras coisas provavelmente ofensivas sobre mim. Então, pensei que trabalhar com você seria tolerável.

Olho para ele pelo canto do olho e posso jurar que vejo o canto da boca dele se contrair um pouco. Mas ele abaixa com a mesma rapidez.

— Tolerável — ele repete.

— “Divertido” seria um pouco demais, eu acho. Mas é isso.

— Você não precisa aturar o assédio deles, sabia? — ele diz após uma pausa.

— Sim, eu sei — suspiro. Não devo explicações a ele, mas o ângulo da cabeça dele e o aperto tenso dele no volante me fazem pensar que ele está investido nisso. Quase como se ele se importasse. Isso me faz querer dar a ele o benefício da dúvida, então acrescento: — É assim que é ser mulher em uma profissão dominada por homens. Se eu reclamar, sou uma vagabunda. Se eu deixar isso continuar, nunca vai acabar. Dane-se se eu fizer, dane-se se não fizer. Eu escolhi há muito tempo deixar isso pra lá. É mais fácil assim. Mas você não é como eles. Você realmente não dá a mínima para muita coisa fora do escritório. Você está feliz desde que o trabalho seja feito. — Eu reconsidero. — Bem, “feliz” pode ser forçar a barra. Mas você sabe o que quero dizer.

— O que você está dizendo é que eu sou o cara legal do escritório.

Ele está... brincando? Parece que sim, mas sua expressão é neutra, então é difícil dizer.

— Não é isso que estou dizendo. É isso que você está ouvindo — eu o corrijo. Ele precisa descer um degrau ou uns dez antes que isso suba à cabeça.

— Eu posso ser legal — ele diz suavemente. — Eu até sou conhecido por pagar um café para colegas de trabalho de vez em quando.

Reviro os olhos.

— Chocolate quente. E eu nunca vou recusar um chocolate quente de um colega de trabalho. Exceto quando ele pensa que eu sou uma donzela em perigo.

— Não — Beckett diz, e lá está aquele quase sorriso de novo. Isso o ilumina, de certa forma, e fico chocada ao descobrir que ele é ainda mais bonito quando quase sorri. — Você só é uma donzela em perigo quando seu carro está parado no acostamento da rodovia.

Eu alargo minhas narinas e aperto meus lábios. Não importa. É difícil achar alguém bonito quando ele é um babaca total.

— Eu poderia ter chamado meu próprio guincho, sabia? Sou perfeitamente capaz de usar um telefone. Você só estava mais perto.

— Claro — ele diz.

Eu poderia retrucar porque ele está claramente me tratando com condescendência, mas não faço isso. O problema é que ele não está totalmente errado. Então, em vez disso, deixo a paisagem plana do Centro-Oeste me embalar para o relaxamento enquanto tento muito não pensar nos quase sorrisos de Beckett.



# Capítulo 7

## Beckett

Na segunda-feira seguinte, estou sentado no meu escritório com a porta aberta, resmungando sobre as renderizações da casa Dash no meu monitor. Nem mesmo as versões instrumentais de canções de natal tocando suavemente nos alto-falantes do meu computador podem me salvar da realidade que é esta cozinha. Liguei para a Sra. Dash no final da semana passada tentando fazê-la mudar de ideia sobre a geladeira retrô azul-petróleo sob o pretexto da despesa e da dificuldade de encontrar tal peça. Mas ela simplesmente me garantiu — mais uma vez — que tem a maior fé na minha capacidade de encontrar uma, e que não há orçamento limite. Sugeri um design branco ou até mesmo amendoado, mas ela apenas riu, disse que eu era um jovem engraçado e desligou.

Então, agora, estou brincando com um layout de cozinha que precisa ser feito hoje ou então corremos o risco de os empreiteiros atrasarem o cronograma, e estou tentando colocar uma geladeira azul-petróleo em algum lugar que não pareça muito chamativo.

— Nossa. Isso é horrível.

Eu me assusto na minha cadeira, então a giro para encontrar Gemma parada atrás de mim, sua cabeça inclinada e alguns cachos vermelhos rebeldes pendurados sobre sua bochecha. Ela está franzindo a testa para a tela do meu computador, mas pelo jeito que sua boca está se contorcendo, é bem claro que ela está segurando uma risada.

— Te assustei?

— Eu estava trabalhando. Você deveria tentar um dia desses — eu digo secamente.

— Uhmm — ela cantarola enquanto levanta uma sobrancelha. — Eu tenho que dizer, estou impressionada, Becky-pop. Não pensei que você usaria uma geladeira dessas.

Eu a encaro, desejando poder atirar punhais de verdade nela do outro lado da mesa.

— Você não deveria ter sugerido isso, então — resmungo.

Com isso, ela ri enquanto levanta as mãos, com as palmas para fora. Eu odeio admitir que o som de sua risada fácil faz algo em meu interior que eu não quero pensar a respeito. Eu preferiria voltar a atirar punhais em sua direção.

— Honestamente, disse isso só para te foder. Eu não achei que ela aceitaria.

Tudo o que posso fazer é piscar incrédulo para ela.

— Você viu o exterior daquela casa. Você a ouviu dizer que gosta de cor. E você não achou que ela iria querer a geladeira azul-petróleo que você sugeriu?

— Ok, entendi seu ponto. Mas uma coisa é gostar de cor e outra é querer uma geladeira verde-azulada de verdade em casa. Aquela mulher é selvagem. — Ela balança a cabeça com uma expressão apreciativa no rosto. — Eu meio que quero ser ela quando crescer.

Eu franzo a testa.

— Você já é crescida.

Ela inclina a cabeça para frente e para trás.

— Mais ou menos. — Então, sua expressão fica travessa. — Pelo menos, não tão adulta quanto você.

— Você está me chamando de velho? — pergunto.

Ela sorri para mim, e eu quero me apegar a isso, mesmo apesar do que ela diz em seguida.

— Não. Só estou dizendo que você é mais velho do que eu.

Pigarreio, tentando também limpar minha cabeça desse absurdo. Não sei de onde isso está vindo, mas desde que ela escorregou e disse meu nome completo e verdadeiro no carro no caminho de volta da casa dos Dash, tenho tido dificuldade em tirá-la da minha cabeça. E ainda assim, como ela declarou tão

claramente, ela é jovem demais para mim. Junto com uma série de outras razões pelas quais eu nunca faria nada com ela.

Não importa o quão bonita ela esteja ali, parada em um suéter verde brilhante de Natal com mechas encaracoladas de seu cabelo ruivo escapando do coque empilhado no topo de sua cabeça.

Eu respiro fundo, tentando mais uma vez limpar meu cérebro desses pensamentos indesejados.

— Você precisa de alguma coisa, Woodard?

Ela pisca algumas vezes como se também estivesse tentando se livrar de pensamentos semelhantes. Mas, não, isso deve ser uma ilusão da minha parte.

*Controle-se, Camdon*.

— Uhm, sim. A Sra. Dash ligou e disse que tinha passado na casa esta manhã para pegar algumas coisas que ela tinha esquecido, já que o reparo da fundação deveria ter terminado e a demolição deveria estar em andamento. Exceto que a demolição não começou, a eletricidade está completamente desligada por causa de uma nova fiação que eles tiveram que fazer, e o lugar ainda parece bem destruído, aparentemente. — Ela cruza os braços sobre o peito e desliza as mãos sob os braços, apertando-os. A imagem dela roendo as unhas no carro me vem à mente, e me pergunto se ela está apertando as mãos para evitar fazer isso de novo.

Olho para as plantas da cozinha no meu monitor, mas rapidamente desvio o olhar da monstruosidade azul-petróleo que ocupa um terço da minha tela.

— Isso não está nem perto do ideal.

Gemma assente, mordendo o lábio inferior.

— Vou até lá de novo para verificar eu mesma, eu acho. O empreiteiro geral pode me encontrar na quinta-feira à tarde.

— Um dia antes da véspera de Natal?

Ela dá de ombros e deixa as mãos caírem ao lado do corpo.

— Ele não está feliz com isso, mas a fundação precisa ser concluída antes que possamos começar a demolição, e a demolição precisa acontecer entre o Natal e o Ano Novo se quisermos manter o prazo. Essa fundação já nos atrasou, e não quero ficar ainda mais atrasada.

Contra meu melhor julgamento, olho para minha tela e deixo meus pensamentos assumirem o controle. Pedi para meu amigo dar uma olhada no

carro de Gemma antes de pegá-lo para ter certeza de que nada mais daria errado com ele, mas depois de parar na rodovia da última vez, não gosto da ideia de ela dirigir sozinha novamente. E eu provavelmente conseguiria tirar mais algumas medidas em vez de confiar nas plantas.

— Eu dirijo — digo antes de pensar melhor.

Ela balança a cabeça rapidamente.

— Não, eu não queria que você tivesse que ir com...

— Preciso de medidas de qualquer maneira — a interrompo.

Ela começa a morder o lábio inferior carnudo novamente, e eu queria que ela voltasse a roer as unhas para que eu pudesse parar de desejar que aqueles fossem meus dentes provocando sua boca.

— Não tive uma resposta direta sobre o estado do lugar. Não há garantia de que você conseguirá entrar para as medições. — Ela está protestando, mas é sem entusiasmo. Não ouso esperar que ela realmente queira minha companhia nesta viagem.

Dou de ombros.

— Vale a pena tentar. Na pior das hipóteses, posso passar um dia sem olhar para uma geladeira azul-petróleo.

Seus dentes soltam o lábio inferior enquanto ela sorri, e parece uma pequena vitória.

— Ok — ela diz. — Mas eu pago o chocolate quente.

Aceno bruscamente.

— Parece justo.

Ela se vira para sair, e eu arrasto minha cadeira para mais perto do monitor novamente para poder descobrir onde colocar essa monstruosidade, de uma vez por todas.

— Você está sentado muito perto da tela, velho — Gemma diz por cima do ombro, sua voz uma cantiga brincalhona. — Você devia pensar em comprar uns óculos.

Fico feliz que ela esteja rapidamente fora do alcance da voz, porque não consigo evitar a risada que sai de mim, e se Gemma tivesse ouvido, nunca me deixaria esquecer isso.



# Capítulo 8

## Gemma

Nem mesmo a estação de rádio de Natal, o tempo todo, consegue abafar o som da risada de Beckett enquanto eu saía do escritório dele ontem, depois de ter ficado repetindo-a na minha mente. Era um som grave e estrondoso que poderia ter derretido o gelo que se formava do lado de fora da janela ao lado do meu cubículo.

Quem precisa de chocolate quente quando Beckett Camdon tem uma risada assim?

— *Podemos realmente ter um Natal branco este ano* — o radialista entra na conversa depois que uma música termina. — *Especialistas em clima estão prevendo uma tempestade de inverno na quinta-feira à noite até a véspera de Natal...*

— Quer remarcar a viagem para a casa dos Dash? — a voz profunda de Beckett ressoa atrás de mim. Ele caminha até minha mesa e inclina o quadril contra ela. Tenho que arrastar fisicamente meus olhos para longe de onde sua bunda descansa, fora do meu alcance. Quando finalmente encontro seu olhar, ele está olhando para mim como se estivesse esperando uma resposta para algo, mas minha mente está em branco.

— Desculpe. O quê?

Ele me encara como se doesse ter que se repetir.

— Essa tempestade de inverno amanhã pode tornar uma viagem para

Indiana bem perigosa.

— Ah — eu digo, voltando à Terra do meu devaneio. Olho pela janela para as nuvens cinzentas e sombrias pairando baixas sobre o horizonte de Chicago. — Eu não sei. Eles estão sempre nos alarmando sobre o clima de inverno por aqui, mas nunca acontece nada. E só deve começar amanhã à noite, de qualquer forma. Acho que ficaremos bem. — Olho para ele com as sobrancelhas levantadas. — Por quê? O clima de inverno deixa você nervoso?

Ele balança a cabeça.

— Não. — Ele abaixa o queixo na minha mão apoiada na mesa. — Você é a nervosa aqui.

Normalmente, eu pensaria que ele estava dando uma cutucada para me fazer sentir uma merda sobre minha ansiedade. E normalmente, funcionaria. Mas ele diz isso tão baixo, tão gentilmente, que fica claro que ele está apenas cuidando de mim. Quase como se ele se importasse.

Isso não deve estar certo.

Eu estudo seu olhar azul-gelo. Suas sobrancelhas escuras estão franzidas e seus olhos estão marcados com preocupação.

Talvez esteja certo. Talvez ele só queira ter certeza de que não estou preocupada com a tempestade de inverno.

Engulo em seco.

— Não acho que será tão ruim quanto estão dizendo — minha voz é surpreendentemente firme para o quão trêmula ele está me deixando.

Ele acena, levantando-se.

— Podemos sair amanhã no meio da manhã, então.

Provavelmente é minha imaginação, mas ele parece se aproximar um pouco mais enquanto passa por mim, como se quisesse minha atenção em sua bunda.

*De jeito nenhum. Isso é definitivamente minha imaginação.*

Tento me distrair me afogando em uma das planilhas abertas no meu computador, mas não demora muito para que eu veja as mãos de outra pessoa pressionadas na lateral da minha mesa pelo canto do olho.

— Você tem que parar de flertar com os designers, querida — uma voz familiar diz. É baixa para evitar ser ouvida, mas sem dúvida pertence a Alex Brachs, um dos outros gerentes de projeto.

Eu cerro os dentes e deslizo meus olhos para ele.

— Do que você precisa, Alex?

Ele ri sombriamente, e o som disso é tão diferente da risada anterior de Beckett. A de Alex envia gelo pelas minhas veias, e eu tenho que lutar contra um arrepio de nojo.

— Nada. Só queria que você soubesse que se precisasse de alguém para aparar sua árvore este ano, eu provavelmente seria melhor nisso do que o Camdon ali. — Ele balança a cabeça na direção para onde Beckett foi.

Este deve ser o pior eufemismo do mundo, mas não vou dar a ele a satisfação de abrir a conversa para sua insinuação sexual.

— Minha árvore não precisa da sua ajuda — respondo categoricamente.

Os olhos de Alex se movem rapidamente em direção ao escritório de Beckett enquanto ele bufa.

— Aposto que não — ele diz sugestivamente. Ele se afasta da mesa, mas enquanto se afasta, ele fala mais alto, para todos ouvirem. — A oferta está de pé, no entanto. Se você mudar de ideia.

Eu luto contra a vontade de engasgar e, em vez disso, mudo minha música para meus fones e os coloco em meus ouvidos. A metáfora ridícula de Alex Brachs não é algo que uma musiquinha de Natal não possa abafar. Mas as palavras de Beckett do outro dia tocam sobre os tons suaves de mais uma canção de Natal.

*Você não precisa aturar assédio deles, sabia?*

Normalmente, não é tão ruim assim. Na maioria das vezes, é só um apelido diminuto ou uma pergunta direta sobre se eu consigo ou não fazer alguma coisa se eu tiver que sair para encontrar Nova. Como se alguns desses homens não fossem pais que também deveriam, provavelmente, ir para casa para os filhos. Mas todos nós sabemos que as regras são diferentes para as mães, especialmente as solteiras.

Desta vez foi mais sinistro. Isso me deixa com uma sensação ruim. E exposta, percebo enquanto levo minha unha aos dentes. Eu posso não estar flertando com Beckett, mas eu estava olhando para a bunda dele, verdade seja dita. Mesmo que eu ache que ele devia estar flertando comigo algumas vezes esta semana, preciso acabar com isso. A última coisa que preciso é que os outros caras pensem que estou transando por aí. Eles provavelmente já presumem que sou fácil, penso enquanto meu olhar se fixa em uma foto emoldurada de Nova na

minha mesa.

Não. Definitivamente não preciso dar mais munição a ninguém por aqui. Só preciso terminar esse trabalho, sair da casa dos meus pais e me dar um pouco mais de espaço para respirar.

Beckett Camdon mal existia em minha vida antes da semana passada, então, quão difícil pode ser?



# Capítulo 9

## Beckett

Eu tiro o carro da rodovia em algum lugar no norte de Indiana. Gemma está estranhamente quieta de novo, e isso está me matando. Então, pego uma saída bem antes daquela que nos levaria à casa de Dash sem contar a ela sobre isso.

Demora um momento até que ela perceba o desvio e finalmente vire seus olhos verde-esmeralda em minha direção.

— Aonde você vai? — Ela parece um pouco nervosa, e eu odeio isso.

— Meu amigo me falou sobre uma cafeteria legal nessa área, e me prometeram um chocolate quente, então pensei que poderíamos parar ali.

— Agora? — ela pergunta, sua voz estridente.

Eu olho de soslaio para ela.

— Isso é um problema?

Ela arrasta o lábio inferior para dentro da boca para chupá-lo enquanto balança a cabeça e se vira para a janela.

Bem, isso não saiu do jeito que eu pensei que seria.

Enquanto dirijo pelas ruas pontilhadas com guirlandas em postes de luz e luzes coloridas de Natal, tento muito não olhar na direção de Gemma. Paro no meio-fio e estaciono em paralelo ao lado da loja que meu amigo me falou. As janelas do chão ao teto revelam uma cafeteria aconchegante e bem iluminada — se não um pouco *old school* — por dentro. Saio do carro e espero Gemma sair

lentamente e ir para a calçada. Ela olha para as luzes cintilantes nas janelas, e um fantasma de sorriso enfeita seus lábios.

Aí está.

Abro a porta e faço sinal para que ela me preceda para dentro da loja. Ela tira as luvas assim que entramos no espaço aquecido, e percebo que suas unhas estão ainda mais destruídas do que da última vez que conversamos.

As pessoas ocupam cerca de metade das mesas da loja, e não há ninguém atrás do balcão. Mas não demora muito para que um homem que parece ter a minha idade — embora esteja vestido como um adolescente hipster com um gorro festivo de Natal — pule de uma mesa que ele está dividindo com uma mulher de cabelos escuros e venha em nossa direção.

— Oi. O que vocês querem? — ele pergunta enquanto veste um avental.

Olho para Gemma, que se aproxima do balcão.

— Pode me trazer um chocolate quente, por favor?

— Claro. Você gostaria de acrescentar chantilly?

— Uhm... — ela diz.

A mulher com quem o barista estava sentado, exibe um sorriso brilhante.

— Eu recomendo.

Se não me engano, o homem atrás do balcão cora levemente enquanto olha para a mulher de forma brincalhona. Não sei do que se trata, mas posso adivinhar.

Gemma também deve sentir a mesma coisa, porque ela ri e um pouco da tensão visivelmente deixa seu corpo.

— Claro. Chantilly seria ótimo.

— E para você? — o homem pergunta, voltando sua atenção para mim.

— O mesmo.

Gemma me ofereceu um chocolate quente, e não quero decepcioná-la pedindo algo diferente, mesmo que não seja minha primeira escolha. Ela sorri suavemente sem olhar para mim, como se soubesse exatamente por que pedi, e esse pode ser meu sorriso favorito dela até agora.

Ela torce o rosto enquanto cobre o estômago com a mão e olha para a vitrine de doces.

— Talvez um bolinho também? — Ela olha para mim se desculpando. —

Esqueci de comer esta manhã.

*Esqueceu de comer?* Não gosto nem um pouco disso. Ela vai precisar de mais do que um bolinho se for esse o caso.

O homem no caixa acena e digita algo enquanto outro homem em uma camisa branca de botões e calças escuras entra de uma sala dos fundos. Ele parece incrivelmente arrumado, mas está incongruentemente usando um gorro de Papai Noel virado para o lado.

— Os bolinhos são incríveis — ele diz enquanto uma garotinha da idade de Nova se aproxima dele e esmaga suas pernas em um abraço. Ele pega a garota e a joga no ar antes de colocá-la no chão. Ela grita de alegria e sai cambaleando novamente. Gemma observa toda a troca melancolicamente, abraçando-se ao redor de seu torso. O som silencioso e sibilante que seus polegares fazem enquanto se arrastam para frente e para trás em sua jaqueta preenche o ar entre nós por um momento.

— Bem, com esse incentivo, é melhor eu pegar um também — digo. Gemma me lança um olhar agradecido, como se estivesse com vergonha de comer. O que ela não deveria estar.

— Eu perguntaria se vocês querem comer aqui ou para viagem, mas com essa tempestade chegando, imagino que vocês queiram chegar onde ao seu destino bem rápido — o homem fala enquanto coloca dois muffins em uma sacola.

Os olhos de Gemma se arregalam.

— Achei que a tempestade só fosse chegar à noite.

O homem balança a cabeça enquanto vaporiza um pouco de leite.

— A última vez que ouvi, já vai rolar em cerca de uma hora. E essa neve com efeito de lago não é brincadeira. — Ele nos olha por cima da máquina de café expresso de aparência retrô que ele está usando como vaporizador.

Eu vagamente me pergunto o que há com os moradores de Indiana e seus aparelhos retrô antes que Gemma se vire para mim, ainda parecendo um cervo assustado.

— Você acha que conseguimos chegar em casa?

— Onde vocês moram? — pergunta o homem com o gorro de Papai Noel.

— Chicago — eu digo. — Estávamos a caminho de uma casa que estamos reformando a cerca de cinquenta quilômetros a leste daqui.

O barista ri.

— Ir em direção ao oeste seria uma má ideia. Você estaria dirigindo direto para a tempestade. Eu diria para pegar alguns suprimentos, dirigir até essa tal casa e se planejar para passar a noite por lá. Na verdade, vamos fechar aqui em alguns minutos para sair antes que comece.

Gemma ficou parada. Quase posso sentir o pânico irradiando dela.

Eu realmente, realmente espero que esse pânico não seja porque ela vai ter que passar a noite na mesma casa que eu.

Ela entrega rigidamente seu cartão para pagar as bebidas e muffins, então pega seu chocolate quente e sai do local como se estivesse atordoada.

O barista rastreia seus movimentos e balança a cabeça enquanto me entrega o resto do nosso pedido.

— Boa sorte, cara.



# Capítulo 10

## Gemma

Conseguimos parar em um mercado e comprar pão, manteiga de amendoim, cereal e alguns outros lanches para nos sustentar. Não haverá energia na casa, pois ela foi desligada para fazer a fiação elétrica, então não podemos cozinhar. Não me permiti pensar em como seria dormir em uma casa sem aquecimento ou energia no meio de uma tempestade de neve. Minha mente está acelerada, e meu coração também. Só consigo lidar com uma coisa de cada vez.

Enquanto Beckett pega a comida, fico no carro para poder ligar para meus pais, mas não digo o motivo. Só pergunto baixinho se ele não se importaria de entrar sozinho, e ele não faz perguntas. Faço uma videochamada para poder ver o rosto doce de Nova. Ela sorri para mim e tenta pegar o telefone. Meus pais continuam tirando-o do alcance dela enquanto me garantem de todas as formas que ela ficará bem e que não preciso me preocupar.

Quando desligo, estou segurando as lágrimas e roendo as unhas. Não importa o quanto me digam para não me preocupar. Nunca passei uma noite longe do meu bebê e estou muito nervosa com isso.

Beckett volta segurando várias sacolas de papel de compras. Ele as coloca no banco de trás e sai do estacionamento sem dizer nada. Mantenho o rosto virado para a janela do passageiro, caso eu comece a chorar. Não tenho muita vergonha das minhas emoções, mas não terei um ataque de pânico e nem vou chorar na frente de Beckett Camdon. Posso controlar essa ansiedade como sempre. Só preciso de um minuto.

Ele respira fundo como se fosse dizer algo, então solta o ar lentamente. Depois de um minuto ou mais, ele faz de novo. Estou usando toda a minha energia para não desmoronar, então não tenho reservas para me preocupar com o que ele está tentando dizer.

Quando chegamos na casa, começou a nevar. Flocos grandes e molhados batem no para-brisa. Meu chocolate quente está no porta-copos à minha esquerda, provavelmente frio agora. O saco de muffins está aos meus pés. Eu estava morrendo de fome quando pedi um, mas agora sinto que vou vomitar.

Uma noite. Posso passar uma noite. Nova está bem. Meus pais vão adorar o tempo extra sozinhos com ela. Vai ficar tudo bem.

— É... — Beckett para e respira fundo para começar de novo. — Eu não estou…

— Desembucha, Kit.

— O quê? — ele pergunta, confuso.

— Você está tentando dizer alguma coisa há pelo menos dez quilômetros. Fale de uma vez — insisto, ainda sem virar o rosto da janela.

— Ouvi Alex falando com você ontem. Sei que não é da minha conta, mas...

Viro a cabeça em direção a ele.

— Você, o quê?

— Ele não é de falar baixo — Beckett diz defensivamente, e tenho que admitir porque é verdade. — Não é difícil ouvi-lo. E eu ia voltar para sua mesa com uma atualização sobre algo, então não estava longe.

Procuro seus olhos azuis, tentando não deixar minha mágoa transparecer. Mas a mágoa é boa. É muito melhor do que o pânico que vem se apoderando de mim desde a cafeteria, então me inclino para ela.

— Você não fez o que ia fazer.

O espaço entre suas sobrancelhas se enruga.

— O quê?

— Voltar para me dar uma atualização.

— Não. Eu...

— Porque você ouviu o que Alex disse — o interrompo novamente.

O vinco entre as sobrancelhas de Beckett se aprofunda um pouco, então ele fecha a boca como se tivesse acabado de perceber por que isso seria um

problema. Ele ouviu Alex insinuar que eu estava flertando, o que já é constrangedor o suficiente, mas então ele me excluiu de uma atualização do projeto por causa disso. Mesmo sabendo que sou mais do que capaz de fazer esse trabalho. Mesmo que ele nunca tenha me tratado assim antes.

Espero que ele diga algo em sua defesa, mas ele não diz. Ele apenas abre rapidamente a porta do carro e sai. Ele pega as sacolas de compras e caminha pela neve que cai até a porta da frente. Flocos brancos grudam em seu casaco de lã e pousam em seu cabelo escuro enquanto ele anda.

*Ok, então.*

Agora, o pânico voltou dez vezes mais porque não só tenho que passar a noite longe do meu bebê, mas junto com um Beckett Camdon irritado, que ou pensa que eu estava flertando com ele ou pensa que as pessoas pensam que eu estava flertando com ele.

Eu o vejo entrar na casa e acender um interruptor de luz interno. Nada.

*Que ótimo.*

Não sei o que eu estava esperando, mas acho que estava esperançosa de que teríamos a eletricidade de volta, pelo menos.

Bem, é mais provável que eu congele até a morte em um carro enterrado na neve do que em uma casa, mesmo que essa casa não tenha energia ou aquecimento, então não há mais nada a fazer além de entrar. Eu enrolo a alça do saco de muffins no meu antebraço e pego meu chocolate quente e o de Beckett antes de empurrar a porta do carro com o pé e chutá-la para fechá-la.

Quando entro em casa, Beckett fecha a porta atrás de mim. Está mais quente aqui do que lá fora sem o vento, mas não muito. A sensação de pânico começa a subir no meu peito. Posso sentir minha respiração começando a ficar mais curta e superficial.

Não aqui. Não posso fazer isso aqui. Eu me seguro o máximo que posso e caminho em direção à cozinha para poder colocar as coisas que estou carregando. Ouço os sapatos elegantes de Beckett batendo no piso bem atrás de mim.

— Você estava? — ele pergunta.

— Estava, o quê? — eu digo com os dentes cerrados. Tiro os muffins da sacola só para fazer alguma coisa, mas acho que não conseguiria comer agora, mesmo se quisesse.

— Flertando.

— Não se iluda — consigo dizer. Estou prestes a perder o controle. Posso sentir. E não vou perder o controle na frente de um colega de trabalho. Com toda essa conversa sobre flerte, ele provavelmente já pensa que não consigo ser profissional. Não quero provar que ele está certo. — Escuta, eu só... preciso de um minuto, ok? — Não espero por uma resposta antes de atravessar a sala de estar e a sala de jantar e ir direto para o escritório do primeiro andar. Empurro a porta com cuidado para fechá-la.

Feito isso, encosto-me na parede e afundo no chão. Puxo meus joelhos para o peito e descanso minha testa neles. Tento respirar fundo, mas é difícil respirar com o nó de pânico na garganta. O que sai em vez disso são alguns soluços grandes e ofegantes enquanto as lágrimas começam a fluir.



# Capítulo 11

## Beckett

Eu sou um idiota. O que diabos eu pensei que aconteceria quando mencionei as insinuações de Alex?

Em minha defesa, pensei que era uma boa ideia na hora. Imaginei que deveríamos esclarecer as coisas, de qualquer forma. Ela estava obviamente nervosa, e parecia uma conclusão lógica que era sobre mim. Se ela estivesse flertando, então passar a noite aqui comigo poderia ser embaraçoso — se era tudo o que ela pretendia fazer — ou um passo longe demais, rápido demais. Acho que não me ocorreu que ela não estava interessada em nada.

*Eu realmente sou um idiota.*

Eu queria que ela estivesse procurando por algo mais? Sim. Eu poderia muito bem admitir isso, mesmo que apenas para mim mesmo. Eu não tenho flertado intencionalmente com ela, mas provavelmente é porque sou objetivamente ruim em interação humana. Eu tenho olhado para ela. Pensado nela. E, desde que eu seja honesto comigo mesmo, a desejando.

Mas está bem claro agora que esses sentimentos não são recíprocos. O que deveria ter me ocorrido muito antes de eu tocar no assunto. Ela disse que os caras do escritório a assediavam. Eu deveria ter somado dois mais dois.

Não importa que o assédio deles faça meu sangue ferver.

Mas temos coisas mais importantes para lidar agora. Ou seja, o fato de estar congelando aqui dentro, a neve está caindo tão forte lá fora que mal consigo ver

pela janela, e Gemma está no escritório do primeiro andar com a porta fechada. Chorando, pelo que posso ouvir.

*Não se iluda.*

Tudo bem. Isso não é sobre mim. Mas então do que se trata, e como vamos sobreviver a uma nevasca em uma casa sem energia se ela não vier para perto da lareira?

Decido dar a ela um pouco de espaço e mando uma mensagem para meu vizinho pedindo para ele alimentar meu gato. Então, acendo o fogo. Quando ela sair, pelo menos estará aquecida. Talvez ela saia quando eu terminar.

Mas mesmo quando as chamas estão crepitando e dançando na lareira, Gemma ainda não apareceu. Está ficando mais frio, e eu sei que ela ainda não comeu. Não tenho mais escolha. Tenho que dar uma olhada nela.

Fico do lado de fora da porta por um momento, e tudo o que consigo ouvir são soluços altos e ofegantes do outro lado.

Isso não é bom.

Não parece um choro normal. Parece um choro de pânico, como se ela estivesse tendo um ataque de pânico do outro lado desta porta frágil. Quero invadir a sala e segurá-la até que passe, mas não acho que essa demonstração de cavalheirismo deslocado vá melhorar nada.

Eu me contento em bater suavemente.

— Woodard? — chamo diretamente. — Está tudo bem?

Assim que ouço o que saiu da minha boca, eu me encolho. *Não, seu idiota. Não está tudo bem.* Estou condenado a enfiar os pés pelas mãos repetidamente perto desta mulher esta noite?

Ela não responde. Os soluços ficam mais baixos por um minuto, mas então eu a ouço ofegar como se estivesse tentando controlar, mas falhando na tarefa.

Eu tento novamente.

— Posso entrar?

Ela ainda não responde, mas eu a ouço se mexer. A porta treme como se ela tivesse se pressionado contra ela.

Eu vou interpretar isso como um não.

— Eu não vou entrar se você não disser que eu posso, ok? — pergunto o mais gentilmente possível. Admito que soa menos reconfortante do que eu

gostaria, mas estou fazendo o meu melhor. Eu me abaixo no chão onde imagino que ela esteja sentada do outro lado da porta e descanso minha cabeça contra ela. — Escute, eu não sei o que está acontecendo, mas posso dizer que você está chateada. E eu sou muito, muito ruim em puxar papo, o que tenho certeza que você já notou.

Um som úmido e bufante vem diretamente do outro lado da porta.

— Isso foi uma risada? Espero que tenha sido uma risada — murmuro a última parte. — De qualquer forma — continuo —, se você está chateada por estar aqui comigo esta noite depois do que aquele babaca disse, não precisa se preocupar. Sobre mim, quero dizer. Eu não estou... eu não vou... merda. — Xingo baixinho. Estou realmente estragando tudo. O que diabos estou tentando dizer?

Mas então a maçaneta gira e a porta se abre. Eu imediatamente a empurro mais e rastejo para dentro. Posso vê-la na luz fraca que entra pela janela além da qual a nevasca está oficialmente com força total. Ela está encolhida contra a parede, abraçando os joelhos contra o peito. Seu rosto está enterrado, e cachos selvagens da cor de telha escura cobrem seu rosto.

Chego perto o suficiente dela para poder servir de apoio, mas tenho cuidado para não tocá-la. Não digo nada. Só estar perto dela parece uma vitória por enquanto. Com certeza, sua respiração começa a ficar menos irregular.

Depois de alguns minutos, ela resmunga: — Não é você.

Fico inundado de alívio.

— Ah. — Então, eu testo as águas. — Acho que também não devo me gabar sobre isso, não é?

Gemma geme.

— Isso foi maldoso. Desculpe. Quando eu fico... — Ela faz uma pausa, engolindo em seco. — Quando fico ansiosa, às vezes fico com raiva.

Deixo isso se acalmar por um momento.

— É isso que está acontecendo? Você está ansiosa?

Ela concorda.

— Mas não sobre estar aqui comigo? — esclareço.

Ela vira a cabeça para que sua bochecha fique apoiada nos joelhos. Seus olhos verdes estão vidrados e brilham na luz sombria que entra pela janela. Grandes manchas vermelhas marcam sua pele pálida e sua maquiagem está

borrada ao redor dos olhos.

Ainda assim, ela é de tirar o fôlego. Não posso deixar de sentir que é um privilégio vê-la assim. Vulnerável. Como se ela confiasse em mim com seu medo.

— Não. Não é você. Eu... — Ela para de falar novamente. Falar é claramente difícil para ela agora, então espero. — Merda, isso vai soar muito idiota quando eu disser em voz alta.

— Tente.

Sua respiração acelera novamente como se ela estivesse em guerra com algo dentro de sua mente.

— Eu nunca fiquei longe do meu bebê por uma noite inteira.

Ela enterra o rosto nos joelhos e soluça.

Inclino-me para que minha cabeça fique perto da dela.

— Gemma — digo suavemente. Acho que nunca disse seu primeiro nome em voz alta antes, mas gosto da sensação dele em minha boca. Digo de novo. — Gemma, posso... Ajudaria se eu te abraçasse? — Quero acalmá-la. Só isso. Nada mais.

Se eu continuar dizendo isso a mim mesmo, talvez seja verdade.

— Não sei — ela admite entre suspiros. — Normalmente não estou perto de ninguém quando isso acontece.

— Posso tentar?

— Você quer me abraçar enquanto eu choro de pânico em uma casa sem energia no meio de uma tempestade de neve? — mesmo com sua voz trêmula, ainda soa incrédula.

Se ao menos ela soubesse.

— Eu quero sim.

Ela acena sem levantar a testa dos joelhos. Eu fecho a distância entre nós, tocando nossos quadris antes de passar meu braço em suas costas e ombros. Ela imediatamente se dobra em mim, inclinando seu corpo para que ela possa inclinar sua cabeça contra meu peito. Eu descanso minhas costas contra a parede para dar a ela um pouco mais de espaço e entrelaço meus dedos em seu cabelo para que eu possa segurá-la perto. É preciso todo o meu esforço para não gemer ao senti-la aninhada contra meu corpo. Ela se encaixa tão perfeitamente em mim.

O que parece uma coisa bem canalha de se notar considerando que ela está em pânico.

— Não é nada idiota se preocupar com seu bebê, mas vai ficar tudo bem — digo em seu cabelo. Ela cheira a canela e açúcar. — Ela está com alguém em quem você pode confiar?

Ela acena contra meu peito.

— Ela está com meus pais.

— Ótimo. Eles a amam tanto quanto você, aposto. Quantos anos ela tem mesmo? — Eu sei quantos anos ela tem. Ela fez dois anos em agosto e é adorável. Ela tem cabelos escuros e lisos que deve ter herdado do pai, mas olhos grandes e redondos, assim como os da mãe. Mas quero manter Gemma com os pés no chão, e parece que fazê-la falar sobre sua filha é uma maneira tão boa quanto qualquer outra.

Com certeza, posso sentir um pouco da tensão saindo de seu corpo.

— Dois.

— Provavelmente ela deve estar em uma festa do pijama com a vovó e o vovô, então — penso.

— Nós moramos com eles. Por enquanto, pelo menos.

— Então, eles já sabem muito sobre as rotinas dela, e ela está em um lugar confortável. — Isso é reconfortante, tenho certeza.

— Sim. É por isso que acho isso tão idiota. Às vezes não sou realmente racional no que diz respeito a ela. — Ela engasga com outro soluço.

Não, não vamos voltar a isso de novo. Eu aperto meu braço ao seu redor.

— Ainda não acho idiota. Você está acostumada a estar com ela, e você não pode estar. Não tem problema ficar nervosa sobre isso. Mas ela está bem lá, e eu cuido de você aqui. Ok? Qual é o nome dela?

Ela relaxa um pouco novamente.

— Nova. O pai dela me deixou quando descobri que estava grávida e disse que queria ficar com ela. Ela foi uma luz na escuridão para mim. Então, eu dei a ela esse nome em homenagem ao evento astronômico que produz uma estrela. Parecia apropriado.

— Isso é lindo — eu digo enquanto embalo a parte superior do corpo dela. Eu pressiono meu quadril mais perto do dela. — Isso é muito lindo.

Gemma deve estar se recuperando da adrenalina porque ela se afunda em mim. Por um minuto, acho que ela adormeceu no meu peito, e mesmo que esteja tão frio que eu possa ver minha respiração, eu ficaria feliz aqui a noite toda se ela deixasse. Mas seus dentes começam a bater, e ela estremece. Essa queda de adrenalina, juntamente com a queda de temperatura, será uma receita para o desastre.

É hora de aquecê-la.

— Se você estiver se sentindo bem para sair daqui, eu acendi uma fogueira naquela lareira gigante na sala de estar. Podemos sentar perto dela e nos aquecer. Isso seria bom? — pergunto, cheirando seu cabelo uma última vez.

Ela começa a se levantar, mas está trêmula. Eu pulo para perto dela e pego sua mão. Não sei o que me faz fazer isso, embora eu diga a mim mesmo que é para estabilizá-la e não para satisfazer minha necessidade de continuar tocando-a. Ela aperta sua palma contra a minha.

— Parece que você já fez isso antes — ela arrisca enquanto seguimos para a sala de estar.

— Fiz, o quê? — Solto sua mão para deixá-la se acomodar no sofá. Há um cobertor pendurado nas costas que entrego a ela. Ela enfia os braços por baixo, ainda tremendo.

— Falar com alguém durante um ataque de pânico. — Suas pálpebras estão ficando pesadas. Quase semicerradas, mas não de desejo. Não, isso seria da minha parte, temo.

Pisco algumas vezes para limpar minha expressão e sento no chão para ficar no nível dos olhos dela.

— Talvez eu seja apenas uma pessoa decente? — Tento manter minha voz brincalhona. Parece que é disso que ela precisa agora.

Ela cantarola, não convencida.

— Você não me parece esse tipo — seu tom sugere que ela está brincando, e eu franzo os lábios contra um sorriso. Suas pálpebras caem um pouco mais enquanto ela rastreia o movimento da minha boca.

— Eu fiz especialização em psicologia na graduação — admito. — Foi surpreendentemente útil.

Seu olhar encontra o meu novamente, brilhante agora.

— Você se lembra do que aprendeu há tanto tempo? — Ela sorri com sua

própria piada. Isso muda todo o seu rosto, e fico surpreso ao encontrar alívio, inebriante e forte, me inundando.

Sinto que estou abrindo um sorriso, mas o corrijo rapidamente.

— Ok, Woodard. O ponto vai para você porque você parece prestes a desmaiar. — Não consigo evitar. Eu gentilmente coloco um de seus cachos atrás da orelha. Suas pálpebras se fecham e ela suspira.

— Quando você acordar, precisa comer alguma coisa — insisto, mas minha voz está áspera.

Ela parece não ouvir, no entanto. Ou pelo menos ela não reage. Ela murmura um “uhum” antes de adormecer rapidamente.

Eu a observo por um longo tempo, o crepitar do fogo não é alto o suficiente para abafar meus pensamentos. Ela é linda de uma forma selvagem e caótica. Certamente não é o tipo de mulher que eu já pensei que me interessaria, mas não consigo evitar. Algo sobre a maneira como ela me provoca é excitante, e a maneira como ela confiou em mim para segurá-la em um momento vulnerável selou o acordo. Em apenas algumas semanas, Gemma, o Tornado, atravessou o escritório e entrou no meu coração, e tenho certeza de que nada será capaz de impedi-la de me destruir completamente.



# Capítulo 12

## Gemma

Está completamente escuro quando acordo, exceto pelo fogo queimando intensamente na minha frente. Beckett não está em lugar nenhum, mas há uma suave melodia de piano vindo da sala ao lado. Enrolo o cobertor em volta de mim e sigo o som.

Tenho que esfregar meus olhos algumas vezes antes que meu cérebro registre o que estou vendo. Beckett está sentado no piano de cauda da Sra. Dash. E ele está tocando baixinho e é realmente bom. Tipo, *muito bom*. E se isso não fosse chocante o suficiente, ele está tocando uma música de Natal. Eu não achava que ele gostasse do Natal.

Este homem está cheio de surpresas hoje.

Eu me inclino contra o batente da porta para observá-lo. Seus olhos estão fechados como se ele estivesse absorvendo completamente a música em seu ser. Beckett está tocando “Noite Feliz”, mas é tão lento e comovente que, de alguma forma, apesar de ser sobre o Natal, parece triste vindo dele.

A luz da lareira na sala de estar reflete na superfície preta e brilhante do piano e atinge os fios prateados aninhados entre os mais escuros na têmpora de Beckett. Ele quase parece ser um com o piano, todo polido em preto e branco. Ele está incrivelmente bonito assim, suas sobrancelhas franzidas e seu corpo balançando com a melodia enquanto seus dedos longos pressionam suavemente as teclas.

Prendo a respiração enquanto o observo e tento muito não pensar naqueles dedos hábeis.

Ele segura o último acorde como se imitasse a respiração em meus pulmões, então solta as teclas e coloca as mãos no colo sem abrir os olhos.

— Espero não ter acordado você — diz depois de um momento. Quando seus olhos finalmente se abrem, ele me encontra imediatamente.

Eu balanço minha cabeça.

— Isso foi lindo — eu respiro. — Eu não sabia que você tocava.

Seu olhar cai para as teclas na frente dele enquanto ele passa as mãos sobre elas amorosamente.

— Minha mãe insistiu que eu aprendesse. Ela não tinha muito dinheiro durante minha infância, mas me fez escolher uma atividade “culta”, e eu pensei que aprender a tocar piano tiraria menos tempo de outras coisas que eu preferiria estar fazendo. — Ele parece melancólico, como se fosse uma boa memória. Ele suspira, olhando para mim. — Acontece que eu amei.

— Eram só você e sua mãe naquela época?

Ele desliza para abrir espaço no banco do piano e dá um tapinha no espaço à sua esquerda. Eu atravesso a sala e me abaixo ao lado dele, tomando cuidado para não chegar perto o suficiente para tocá-lo.

— Sim. Não sei muito sobre meu pai. Ela não fala sobre ele, e eu nunca a pressionei. — Ele mexe em uma melodia, depois adiciona alguns acordes e termina com um floreio.

Eu rio.

— Exibido.

Ele dá de ombros enquanto seus olhos azuis encontram os meus. Seu olhar é intenso e focado somente em mim.

— Eu só me exibo quando tenho um motivo para isso.

Praticamente me afogo em seu contato visual. Nele. De tão perto, posso sentir o cheiro das notas de alecrim de sua loção pós-barba. De repente, estou superaquecida, apesar do frio tão longe da lareira. Deixo o cobertor deslizar da parte superior do meu corpo e acumular no meu colo.

Engulo em seco.

— Você está sugerindo que tem um motivo para isso?

Ele tira os olhos dos meus e toca outra melodia animada. Meu coração pula junto com ela.

— Talvez — ele diz quando termina. — Você tem que comer alguma coisa.

Mesmo que eu pudesse ouvi-lo tocar a noite toda, só de pensar em comida meu estômago pensa em outras coisas: ele ronca alto. Beckett me lança um olhar penetrante.

— Tudo bem. — Eu limpo meus olhos ainda sonolentos, e meus dedos saem escuros com maquiagem escorrendo. Eu reprimo um gemido de quão horrível eu devo estar. — Eu vou... me limpar um pouco. — Levo uma lanterna próxima comigo para o banheiro e rezo para que a água também não esteja desligada.

Quando eu abro a torneira e a água sai, eu suspiro de alívio. É água fria, mas pelo menos eu posso limpar meu rosto e dar descarga. Faço o melhor que posso na luz fraca, então deixo a torneira pingando para evitar que os canos congelem.

Eu volto para a cozinha e encontro Beckett espalhando manteiga de amendoim e geleia em pedaços de pão. Os pratos que ele colocou já têm nossos muffins da cafeteria, e ele arruma os sanduíches cuidadosamente ao lado deles.

— Você é uma pessoa que come a casca do pão ou não? — ele pergunta sem tirar os olhos da tarefa.

Levanto uma sobrancelha enquanto me aproximo dele no balcão.

— Eu sou adulta, então você pode deixar a casca.

Ele fica em silêncio e ainda não olha para mim, então eu digo: — Espera aí. Você corta as cascas dos seus sanduíches?

— Elas são objetivamente nojentas — ele responde enquanto corta as laterais do sanduíche na sua frente.

— Elas são a melhor parte — eu retruco. Pego uma das crostas descartadas e coloco na boca. — É onde estão todos os nutrientes.

Ele me olha com ceticismo.

— Isso é bobagem hippie.

— Não é não — protesto, pegando outro pedaço de crosta e comendo. — É por isso que é mais escuro. É nutricionalmente diferente.

Ele balança a cabeça incrédulo, mas mesmo na penumbra, consigo ver o sorriso brincando em seus lábios. Parece uma vitória ter feito aquele sorriso aparecer.

Beckett pega suas cascas descartadas e as deposita no meu prato. E não sei por que, mas me parece uma coisa tão doce de se fazer — me dar mais de algo que eu gosto, mesmo que ele não quisesse de qualquer maneira.

Ele me pega olhando para ele, e eu poderia jurar que ele cora, mas é difícil dizer quando a única luz é uma lanterna apoiada e uma lareira no ambiente. Depois de jogar a faca na pia, que ele também deixou pingar para evitar que os canos congelem, ele me entrega meu prato e acena para dois copos apoiados na extremidade do balcão, cada um meio cheio de líquido âmbar.

— Achei uma garrafa de uísque na despensa. Não acho que a Sra. Dash se importará, dadas as circunstâncias.

Eu franzo o nariz.

— Não sou muito fã.

Ele pega um copo com ele e se move em direção à lareira.

— Você não precisa beber, obviamente. Só pensei que isso poderia ajudar a nos manter aquecidos.

Eu estudo o copo. Por um lado, álcool forte mais Beckett mais uma lareira aconchegante provavelmente resultaria em desastre. Por outro lado, ele tem razão.

No final das contas, levo o copo comigo. O que, suponho, é uma escolha em vários níveis.

Beckett estendeu um cobertor no chão ao lado da lareira. Ele está sentado de pernas cruzadas na frente do prato, então eu faço o mesmo na frente dele. E então eu praticamente inalo o sanduíche e todos os pedaços de casca de pão que ele deu para mim. Eu engulo com o uísque, que queima, mas é seguido por um calor agradável que irradia da minha barriga.

Quando olho para Beckett, ele está tomando um gole do seu próprio copo e me observando, divertido.

— Você quer mais um? Ou talvez uns cinco?

— Escute, eu não esperava que ficaria quase 24 horas sem comer quando estava atrasada e não tomei café da manhã esta manhã, ok? — Eu o encaro brincando por cima do meu copo enquanto tomo outro gole do líquido quente. Estremeço um pouco enquanto engulo, mas na verdade não é tão ruim quando você se acostuma.

— Vida de mãe?

Eu suspiro, quebrando um pedaço de muffin e colocando-o na boca.

— Sim — eu digo em volta da minha mordida. — Mesmo com a ajuda dos meus pais, é muita coisa. Eu não quero depender muito deles, sabe? Especialmente porque não pretendo morar com eles por muito mais tempo.

— Por que não ficar com eles? — ele pergunta, dando outra mordida, muito mais educada, em seu sanduíche.

— Nova está ficando mais velha, e nós dividimos um quarto com meus pais. Quero meu próprio espaço, e acho que ela precisa do dela também. E, não sei — dou de ombros — provavelmente parece bobo, mas eu quero provar que posso fazer isso.

— Parece que isso pega pra você.

— É tão ruim querer viver sua vida em seus próprios termos? — Eu franzo a testa para ele enquanto tomo outro gole de uísque. Está começando a me sentir toda esquisita, e não posso dizer que não gosto.

— Eu... — ele fecha os lábios e parece estar considerando algo. — Não. Mas eu também não acho que seja ruim ter ajuda. — Ele acena uma vez como se fosse isso.

— Eu ainda terei ajuda. Só farei as coisas do meu jeito. Meus pais são ótimos, mas eles estão sempre lá. Preciso de espaço.

— Para namorados? — Ele estuda o fogo enquanto diz isso, mas há uma nota de amargura em seu tom.

Pode ser o uísque me deixando ousada, mas não consigo evitar cutucar o urso.

— O que haveria de errado nisso?

Ele dá outra mordida e segue com um gole.

— Nada.

— Não parece nada, Becker.

Por que estou fazendo isso? Por que estou instigando? Sei muito bem que o rabugento Beckett Camdon é um solitário e um pão-duro, e qualquer interesse que ele possa ter demonstrado por mim é passageiro, fora da decência humana comum, ou fruto da minha imaginação. Eu não deveria deixar isso subir à minha cabeça só porque ele me abraçou algumas horas atrás, e certamente não deveria deixar meus hormônios falarem. Não é culpa dele que eu estou praticamente celibatária desde que Nova nasceu.

Mas, por algum motivo, não consigo me conter. Talvez seja tédio ou o uísque ou a maneira como seus olhos azuis-gelo estão focados em mim, como se minha visão o estivesse aquecendo mais do que o uísque.

— O quê? — pergunto, depois que ele fica em silêncio por um tempo.

— Você estava flertando comigo? — ele cospe as palavras como se estivesse preocupado que, se não o fizesse, nunca as diria.

— Confie em mim, Beecher. Você saberia se eu estivesse flertando com você. — Levanto uma sobrancelha e tomo outro gole, apenas para encontrá-lo vazio.

— Tipo agora? — ele pergunta, e tenho certeza de que detecto esperança em sua voz.

— É inapropriado flertar com colegas de trabalho. Especialmente aqueles com salários e escritórios extravagantes.

— Só se não for correspondido — ele dispara de volta.

Bem, eu não esperava por isso.

— Você está dizendo que quer que eu flerte com você? — falo as palavras lentamente, incrédula.

Ele balança a cabeça.

— Estou dizendo que não levaria isso ao RH. — Ele rapidamente pega meu copo vazio de onde ele está ao meu lado e se levanta. — Vou precisar de outra bebida — resmunga a caminho da cozinha.

*É. Eu também.*



# Capítulo 13

## Beckett

Estou andando na corda bamba aqui. Por um lado, sei que me envolver com essa mulher vai complicar tudo. Por outro, nunca quis nada na minha vida mais do que provar seu lábio inferior enquanto o passo entre meus dentes.

*Controle-se*, digo a mim mesmo enquanto sirvo mais dois copos de uísque. Olho para eles, tomo um grande gole do meu e encho um pouco mais para que fique no mesmo nível do dela novamente.

Quando me junto a Gemma, o uísque está começando a me acalmar. Mas ela olha para mim com aqueles olhos verdes lindos, e pode acreditar que eu me certifico de que meus dedos roçam nos dela enquanto lhe entrego o copo. A cor carmesim que sobe em suas bochechas é inconfundível, mesmo à luz da lareira.

Sento-me, mais perto dela dessa vez, e seus lábios se abrem em uma inspiração quando ela se vira para mim. Tenho tanta determinação quanto qualquer homem, mas ela está testando isso quando me olha assim.

— Jacob não te paga salário? — pergunto. Sei muito bem que ele paga, mas estou lutando por um tópico de conversa mais neutro.

Ela pisca algumas vezes, confusão evidente em suas feições, mas se recupera.

— Ele paga, mas é pouco. Eu ganho bônus em cada projeto que concluo. Ele não fala com você sobre o negócio?

Balanço a cabeça.

— Ele ofereceu para eu me tornasse sócio anos atrás, mas recusei. Eu só quero projetar. É por isso que deixei meu emprego corporativo. Para voltar ao que amo fazer. — Eu a estudo por um momento enquanto considero o que estou prestes a dizer. — Você quer sair da casa dos seus pais, então precisava deste projeto por causa do bônus. É por isso que você queria trabalhar comigo.

Ela desvia o olhar.

— Eu já te disse. Eu queria trabalhar com você porque a maioria dos outros caras me trata como merda.

— E você queria um projeto fácil. — Não consigo evitar que a decepção transpareça em minhas palavras. Não sei o que eu esperava. Que ela tenha nutrido uma paixão secreta por mim desde o começo? Claro que não. Mas isso não impede que a pontada me atinja direto no peito.

— O que você esperava? — Ela ecoa meus pensamentos. — Você nunca foi particularmente legal comigo. Eu também não estava morrendo de vontade de trabalhar com você. Mas você é um homem decente, Beckett. Quanto mais tempo eu passo com você, mais eu não me importaria de trabalhar com você novamente, por melhores razões da próxima vez.

Não é a primeira vez que ela usa meu nome completo em vez de um de seus apelidos idiotas, mas o som disso vai direto para o meu pau. Tudo o que eu quero é ouvi-la gemendo enquanto enterro minha cabeça entre suas coxas apertadas. Ajusto minhas pernas para que ela não veja o que está fazendo comigo.

— E agora? — pergunto. — Você está gostando disso tanto quanto eu?

Isso foi um pouco mais direto do que eu pretendia, mas agora já foi. Nós nos olhamos por um segundo, e é o momento mais longo da minha vida antes que ela lentamente acene com a cabeça.

— Estou feliz por estar presa aqui com você.

Os cantos dos meus lábios se esticam em um sorriso, e os dela seguem. É como se nossos lábios estivessem presos por fios, do jeito que um sorriso gera o outro.

— Eu não sou velho demais para você? — provoco.

— Eu não sou mãe demais para você? — ela rebate.

Eu solto uma risada baixa.

— Acho que nós dois temos bagagem.

Ela cruza os braços, o que só acentua seu peito, e fico feliz por ter mexido as pernas.

— Considero a minha uma força, não uma fraqueza — ela insiste.

— A minha também — minha voz é baixa e rouca; estou fazendo um péssimo trabalho em esconder o quanto a quero.

Gemma cora de novo, mas não quebra o contato visual comigo.

— Como assim?

— Você chama de velho. Eu chamo de experiente.

— Enquanto estivermos presos aqui... — ela para e baixa o olhar para o copo em suas mãos, visivelmente se preparando e me olha nos olhos novamente — você deveria me provar isso — ela provoca. E então lambe os lábios como se soubesse o que está por vir. Como se ela quisesse.

Eu cuidadosamente coloco meu copo no chão, lentamente, para que ela não veja minhas mãos tremendo. Respiro fundo, então pego o dela e faço o mesmo.

— Enquanto estivermos presos aqui — eu digo —, só esta noite.

Sua respiração falha e seus olhos se arregalam, mas ela não parece nervosa. Ela parece animada. Ansiosa. Como se quisesse gritar, puta merda, isso está realmente acontecendo.

— Acho que devemos isso a nós mesmos — sua voz é surpreendentemente calma. — Considerando todo o flerte e tal.

— Deveríamos tirar isso de nossos ombros, provavelmente — concordo.

— Exatamente. — Ela se inclina ligeiramente para frente, seus olhos escuros de desejo.

Eu lentamente afasto seus cachos do rosto, examinando cada centímetro e contando cada sarda. Não preciso me apressar. Temos a noite toda para isso, e se eu puder ter apenas uma noite com ela, planejo aproveitar bem meu tempo.

Suas pálpebras se fecham e ela respira profundamente. Eu traço meu dedo suavemente ao longo de sua mandíbula, e ela exala um pequeno gemido.

— Você pode manter esses lindos olhos fechados por enquanto, Gemma — eu sussurro —, mas eu quero vê-los abertos e me observando mais tarde.

Ela suspira, e seus olhos se abrem rapidamente.

— Ah, meu Deus — ela geme. — Você está falando sério?

Eu rio.

— Não é fã de ouvir umas sacanagens?

Ela engole em seco e assente com a cabeça. Por um momento, tenho certeza de que estraguei tudo pisando no acelerador muito rápido, mas ela praticamente derrete no contato que minha palma está fazendo com sua bochecha e respira.

— Eu sou muito fã, mas... diga meu nome de novo.

— Gemma — eu sussurro, então me inclino.



# Capítulo 14

## Gemma

Seus lábios são leves como penas nos meus. É o mais leve toque, como se ele estivesse me provocando. Eu permaneço imóvel, deixando-o tomar as rédeas. Assim como quando ele me abraçou no escritório mais cedo, é tão bom deixá-lo estar no controle por um minuto. Deixá-lo entrar.

Até mesmo o toque de seus lábios envia um fogo através de mim. As camadas de roupas e jaquetas que deixamos para afastar o frio agora estão muito grossas.

Seus dedos se enrolam em meu cabelo, e ele inclina minha cabeça enquanto se afasta ligeiramente. Meus olhos se abrem enquanto franzo a testa para ele.

*É isso?*

Ele parece quase dolorido. Torturado. Como se isso também não fosse o suficiente para ele. Mas ele procura algo em meu rosto e pergunta: — Você tem certeza sobre isso? Porque se eu começar a beijar você, acho que não vou conseguir parar.

— Você não vai conseguir parar de me beijar? Ou você não vai conseguir se impedir de ir mais longe? — Pretendo provocá-lo com essa pergunta, mas minha voz está baixa e rouca. Acho que provavelmente é bem óbvio qual resposta estou procurando.

— Você está no comando aqui, Gemma — ele diz, e minha respiração falha quando ele usa meu nome novamente. — Mas eu gostaria muito de explorar a

segunda opção.

— Só por esta noite — repito, como se dizer isso de novo pudesse me fazer acreditar.

Beckett bufa e, por um segundo, acho que ele vai me dizer que quer mais do que apenas uma noite. Em vez disso, ele sussurra: — Bem, talvez de manhã também.

Um gemido escapa de mim sozinho, e Beckett sorri com o som. Não quero ninguém há muito tempo — não do jeito que quero Beckett agora. Quero arrastar meus dedos por seu cabelo grisalho e segurar firme enquanto ele se pressiona dentro de mim. Quero ver o que ele pode fazer com toda essa experiência da qual ele se gabou alguns minutos atrás.

Mas eu não sei. Ele é um colega de trabalho. E até muito recentemente, tenho certeza de que ele me odiava profundamente. Sem mencionar que, tecnicamente, ele está um ou dois degraus acima de mim na hierarquia do escritório. Então, não. Eu definitivamente não posso.

*Posso?*

O desejo está claramente escrito em seu rosto também — de seus olhos escuros e encapuzados até a parte suave de seus lábios e sua respiração superficial. Acho que ninguém nunca olhou para mim daquele jeito antes.

Não há mal nenhum nisso se ele quiser tanto quanto eu, certo?

*Ugh*, eu só quero desligar meu cérebro por um maldito segundo. Parece constante. Um trem de carga sem fim de perguntas e preocupações e tentando ser perfeita o tempo todo e inevitavelmente fodendo tudo de qualquer maneira. Por que eu não posso simplesmente deixar rolar e aproveitar o desejo de alguém que tão claramente me quer?

Beckett franze as sobrancelhas como se estivesse assistindo a essa guerra se desenrolar sobre minhas feições, o que é decididamente a coisa menos sexy do planeta.

Provavelmente é agora ou nunca.

— Quer saber? — murmuro. — Foda-se.

Eu praticamente pulo nele, passando meus braços em volta de seu pescoço e minhas pernas em volta de seu torso. Nossos lábios se chocam em um grunhido e uma expiração.

Eu estava preocupada se Beckett queria ou não isso, mas eu não deveria. Ele

é um participante totalmente disposto nesta sessão de amassos, como evidenciado pela maneira contundente como ele devora minha boca. Este beijo é só língua e dentes, e quando ele puxa meu lábio inferior, eu gemo.

Minha pele está queimando. Sinto como se tivesse pulado naquela lareira. Cada centímetro de mim está fervendo e clamando para ser tocado. Eu puxo o zíper da minha jaqueta e tiro os ombros para fora dela, então começo a trabalhar nos botões do casaco de lã de Beckett.

Ele me deixa trabalhar desajeitadamente nos botões enquanto suas mãos deslizam pelas minhas costas, por baixo da minha camisa. Suas palmas são quentes e calejadas, e deixam um rastro de formigamento em seu rastro.

É tão gostoso senti-lo entre minhas pernas. Eu aperto minhas coxas com mais força ao redor de seu torso e me pressiono mais perto dele. O contorno duro de seu pau encontra meu núcleo dolorido, e eu inclino minha cabeça para trás, completamente perdida.

É como se a trilha sonora de pensamentos acelerados tivesse se dispersado, e eu pudesse respirar novamente. E quando Beckett pressiona um beijo quente em meu pescoço, meu corpo responde sem muita intromissão de minha mente. Eu esfrego meus quadris contra ele, perseguindo um prazer que parece fora de alcance.

— É muito ousado se eu disser que quero o resto dessas roupas fora de você? — ele pergunta em minha pele.

Eu movo meus quadris para frente e para trás, e o movimento arranca outro gemido dele.

— O sentimento é mútuo.

Ele se inclina para trás para poder acessar o botão da minha calça jeans.

— Não planejava fazer sexo com você esta noite, Woodard — sua voz está tingida com o que parece um pequeno arrependimento. — Eu não trouxe camisinha.

Isso não o impede de se afastar de mim e arrastar minha calça pelas coxas. O ar frio atinge minha pele, e eu me sinto como um fio vivo de sensações. Minhas pernas ainda estão abertas na ausência de seu corpo, e ele olha devassamente para minha calcinha de algodão.

*O que ele disse? Ah, certo. Anticoncepcional.*

— Eu tenho um DIU. — Mordo meu lábio. — E estou saudável. — Não menciono que não fiquei com ninguém desde que Nova nasceu. Ele não precisa

dessa triste informação.

Ele passa as mãos pelas laterais das minhas coxas e segura minha bunda.

— Eu também estou. — Seus olhos encontram os meus com uma intensidade que me tira o fôlego. — Em cerca de cinco segundos, vou arrancar essa calcinha de você. Mas basta uma palavra sua, Gemma, e paramos. Ok?

Quem precisa de um presente de Natal quando Beckett Camdon está dizendo palavras como essas e prometendo me desembrulhar?

— Ok — eu sussurro, e isso é tudo que ele precisa. Ele segura minha calcinha onde suas mãos estão na minha bunda e a puxa para fora em um movimento rápido. Suas palmas rapidamente encontram minhas coxas internas, e ele pressiona minhas pernas ainda mais abertas. O ar frio encontra meu núcleo quente. Eu tremo um pouco, embora não tenha certeza se é por causa do frio ou do jeito que Beckett está olhando para mim como se eu fosse um banquete de Natal preparado para ele.

— Porra, você é linda — ele murmura. — Eu quero essas coxas lindas ao redor da minha cabeça até você gozar, entendeu?

Estou tendo dificuldade para recuperar o fôlego, mas consigo dizer: — Sim.

— Ótimo.

Ele deita de barriga contra o cobertor e se balança para que sua boca fique tão perto da minha boceta que eu possa sentir sua respiração nela. Meu corpo está zumbindo de ansiedade, mas permaneço completamente imóvel, esperando sua próxima ordem.

— Tire esse moletom e deite-se — ele ordena. Eu rapidamente descarto minha blusa e pressiono minhas costas contra o chão. Eu rolo minha cabeça para poder vê-lo. Ele coloca as mãos sob meus joelhos e as levanta em volta dos ombros. — Lembre-se do que eu disse, Woodard. Ao meu redor até que você não consiga lembrar seu próprio nome.

Aperto minhas coxas internas em volta da cabeça dele, e ele geme de admiração antes de lamber direto meu clitóris, e estrelas iluminam minha visão como luzes de Natal. Faz tanto tempo que ninguém me toca assim, mas algo sobre os cuidados de Beckett parece diferente. Especial. Como se ele não quisesse nada mais do que lamber minha boceta no chão de uma casa velha em frente a uma lareira.

Meus olhos estão bem fechados, e minha cabeça pendeu para trás, então estou de frente para o teto quando ele pressiona um de seus longos dedos dentro

de mim, depois outro. Ele faz uma carícia em meu clitóris com a língua algumas vezes enquanto puxa os dedos para dentro e para fora de mim. Eu pressiono meus pés em suas costas e empurro meus quadris contra ele quase involuntariamente.

Minhas mãos precisam de um lugar para se apoiar, então eu as levo até meus seios e rolo meus mamilos entre meus dedos. Beckett empurra outro dedo em mim, e eu grito com a pressão disso.

— Você é uma delícia, Gemma — sua voz ressoa contra minha pele. — Não acredito que estou te vendo assim.

— Meu Deus, Beckett — eu ofego. — Não consigo... Eu vou...

— Foda meu rosto até você gozar, baby. Eu aguento.

Eu enrolo uma das minhas mãos em seu cabelo sedoso e seguro enquanto encontro sua língua com meus quadris e deixo a pressão aumentar e aumentar. Por um momento, me pergunto se isso está ok para ele. Como se estivesse lendo minha mente, ele geme e pressiona sua língua com mais força contra meu clitóris. É tão responsivo — tão íntimo — que me quebra em um milhão de pedacinhos.



# Capítulo 15

## Beckett

Quando Gemma goza na minha língua, ela tem gosto de êxtase. Tudo nela é lindo enquanto seu orgasmo balança seu corpo. Sua boceta aperta e abre em volta dos meus dedos, e eu continuo a empurrá-los para dentro e para fora dela para prolongar seu prazer.

Há algo tão válido em dar a uma mulher essa liberação, especialmente uma mulher tão tensa quanto Gemma. Eu não me importaria em fazer isso de novo. E quando tiro meus dedos dela e ela se apoia nos cotovelos para olhar seu corpo nu para mim, não suporto não estar perto dela.

Espero que ela saiba que estou apenas começando.

Eu rapidamente tiro minhas próprias roupas enquanto ela observa, seu olhar esquentando novamente enquanto ela arrasta seus olhos verdes brilhantes pelo meu corpo. Quando eles pousam no meu pau, ela puxa seu lábio inferior inchado entre os dentes. Meu pau salta como se estivesse se exibindo para sua atenção, e ela sorri. Eu fecho meu punho em volta dele e bombeio algumas vezes, incapaz de desviar meu próprio olhar de sua pele corada e suas pernas ainda esperando abertas por mim.

Sua cabeça cai para trás e ela geme alto. É um som ganancioso e impaciente.

— Eu queria poder gozar vendo você me olhar assim, Ketty, porque é realmente muito gostoso.

— Corrija-me se eu estiver errado, mas você já gozou uma vez esta noite. — Bombeio meu pau novamente enquanto ela levanta a cabeça para assistir.

— Uhummm — ela cantarola, seus olhos encapuzados rastreando o movimento. — E eu gostaria de fazer isso de novo.

Sua certeza de que ela pode — e vai — me deixa impossivelmente mais duro, e espero que minha participação entusiasmada nisso esteja implícita, porque não consigo imaginar não estar enterrado nela. Imediatamente.

Sento entre suas pernas e passo um dedo pelo seu interior. Ela ainda está tão molhada para mim. Rapidamente agarro seus joelhos e puxo sua bunda para o meu colo para que meu pau empurre contra seu clitóris. Ela apoia as mãos atrás dela e usa o chão como alavanca enquanto se esfrega contra mim, sua umidade me deixando escorregadio. Antes que eu possa pensar muito sobre isso, ajusto-a para poder deslizar para dentro. Ela está tão molhada que basta uma estocada e estou totalmente dentro.

— Meu Deus, Beckett — ela respira, inclinando-se para a frente para me abraçar. Suas pernas envolvem meu torso novamente enquanto seus calcanhares cravam em minhas costas. Isso tem o efeito de me levar ainda mais para dentro dela, e ela suspira. — Merda. Eu... — Gemma enterra o rosto no meu pescoço. — Vá devagar, ok? Já faz... um tempo.

*Vou ter que ir devagar ou vou estragar tudo agora*, mas não digo isso a ela. Seguro seu queixo com minha mão e a faço olhar para mim. Quando nossos olhos se encontram, há apenas um centímetro de espaço entre nossos rostos.

Seu hálito cheira a uísque e está saindo em suspiros rápidos, embora não os de pânico de antes. Esses são suspiros de alguém no limite, tentando se segurar.

— Diga-me se você quiser que eu pare, ou se você não gostar de algo, ok? — digo novamente. Eu não quero que ela se machuque em um esforço para me dar o que eu tão obviamente quero.

Ela acena enquanto morde o lábio e fecha os olhos. Ela balança contra mim, e meus dedos apertam contra seu queixo. Porra, ela é tão gostosa.

De repente, Gemma rebola os quadris novamente enquanto abaixa o queixo e chupa meu dedo em sua boca.

— Ah, merda — eu xingo enquanto ela gira a língua em volta da ponta dele. Ela deve ser capaz de sentir o gosto de si mesma, e ela geme de prazer enquanto lambe o meu dedo.

Essa mulher é tão gostosa. Eu preciso me controlar se eu quiser que isso

dure.

Começo a encontrar seus quadris com estocadas superficiais, e sua cabeça cai para trás, me dando uma visão perfeita de seu pescoço. Deslizo um dedo molhado por ele e sobre seu torso. Os músculos de sua barriga se contraem sob meu toque. Achato minha mão contra a carne ali, e sua cabeça se levanta, seus olhos arregalados.

— Sinto muito — ela sussurra. — Essa é minha parte menos favorita de mim. — Ela solta uma risada autodepreciativa.

Levo minhas mãos para os lados dela e cravo meus dedos enquanto a puxo para mais perto de mim uma, duas vezes mais.

— Por quê? — eu resmungo. — Você é linda. — Encontro seus quadris com os meus novamente. — Cada centímetro de você. Agora coloque suas mãos para trás novamente para que eu possa ver seus peitos perfeitos balançando enquanto eu te fodo.

— Você realmente sabe como tratar uma mulher — ela brinca, mas faz o que lhe é dito. Sou recompensado com o balançar de seus seios quando estoco novamente.

— Fui informado de que você gosta de ouvir umas sacanagens — eu retruco.

— Ah, eu gosto. — Ela empurra suas mãos para me levar com mais força, e eu combino com sua força. — Mas eu também gosto de falar umas besteirinhas.

— Uhmm — cantarolo. — Vamos ver se eu consigo fazer você esquecer como falar besteiras por um tempo, ok? — Arrasto uma mão pelo seu corpo e coloco entre suas pernas. Gemma solta um gemido enorme e ofegante quando meus dedos encontram seu clitóris. Eu começo a fazer pequenos círculos contra ela. Ela rebola seus quadris descontroladamente no ritmo dos meus movimentos.

Eu poderia ter brincado sobre calá-la, mas as palavras estão me falhando completamente agora, enquanto nossos corpos se movem no ritmo um do outro. Estou tão perto, mas cerro minha mandíbula e tento resistir. Felizmente, não tenho que esperar muito.

— Beckett — ela respira. — Eu vou...

— Sim, baby. Goze para mim de novo. — Faço outro pequeno círculo com meu dedo. — Gostaria de gozar dentro de você, se você deixar.

Ela assente vigorosamente, então grita, seu corpo tremendo e sua boceta me apertando mais forte, mais fundo. Mais um impulso, e estou me derramando

dentro dela, nossos corpos escorregadios e pegajosos com suor frio e sexo.

Depois de alguns minutos, quando nós dois nos acalmamos, ela desliza de mim e enrola meu casaco em volta dela. Ela pega uma lanterna do chão onde a deixou e caminha descalça até o banheiro. O chão está congelando, eu percebo, então estendo um cobertor o mais perto possível do fogo. Pego outros dois cobertores e os arrumo como uma cama improvisada para dormirmos. Espero que ela me deixe dormir perto dela. No mínimo, nosso calor corporal combinado deve nos manter aquecidos junto com o fogo.

Quando ela volta do banheiro, fica na porta, olhando para minha configuração.

— Você vai dizer aquela fala cafona dos filmes sobre o calor do corpo nos manter aquecidos? — Ela levanta uma sobrancelha.

— De jeito nenhum — digo secamente. Espero que isso não revele que ela me pegou no flagra. — Que parte de mim sugere que eu usaria uma fala cafona de filme com você?

Ela estreita os olhos para mim, claramente cética.

— Você... quer dormir junto?

Eu dou de ombros, tentando parecer indiferente.

— Temos que dormir no mesmo cômodo, de qualquer forma. E o calor do nosso corpo pode ser útil, agora que você mencionou. — O canto da minha boca se inclina para cima completamente contra a minha vontade. Eu franzo os lábios contra isso, mas pelo sorriso irônico de Gemma, ela viu.

Ela coloca a mão livre no quadril, e de repente estou com muita inveja daquela mão e do meu casaco enquanto ela pressiona contra sua pele.

— Beckett Camdon — ela repreende de brincadeira —, você acabou de fazer uma piada?

— Nem sonharia com isso. — Deslizo para baixo dos cobertores e dou um tapinha na área ao meu lado. — Você vai vir pra cá ou o não?

Aquele sorriso irônico fica onde está enquanto ela abre meu casaco e o deixa cair aos seus pés. Amaldiçoo o fato de não ter mais vinte anos porque a tomaria de novo agora mesmo se pudesse.

Espero que ela esteja bem com qualidade em vez de quantidade.

Ela caminha até mim e se abaixa no chão. Ela se deita de costas para mim e se contorce, tentando ficar confortável na superfície dura. Assim que ela se

acomoda, deito de costas, perto dela, mas sem tocá-la. Dissemos que só queríamos tirar isso dos nossos ombros. Quero ser respeitoso com ela se ela já eliminou esse peso dela. Mas ela está longe de eu ter eliminado esse peso de mim, e duvido que eu durma muito esta noite.

Tempo suficiente se passa em silêncio para que eu pense que ela adormeceu, mas então ela respira fundo.

— Você... — Ela para e grunhe de frustração. — Você quer me abraçar? — Então, acrescenta: — Você deve estar certo sobre o calor do corpo.

Eu rio e evito por pouco dizer que, porra, sim, eu quero abraçá-la. Eu rolo para o meu lado, puxando-a para que a pele sedosa de suas costas fique pressionada contra meu peito. Ela entrelaça suas pernas nas minhas e pressiona seus pés frios em minhas canelas. Deslizo meu braço sob sua cabeça para dar a ela meu bíceps como um travesseiro. Ela suspira contente e se derrete em mim enquanto meu outro braço envolve sua cintura ainda mais forte.

Não demora muito para que nós dois estejamos adormecendo, aconchegados juntos e tão quentes quanto conseguimos ficar. Meu último pensamento antes de cair completamente no sono é que eu poderia me acostumar a ficar agarrado assim com Gemma Woodard.



# Capítulo 16

## Gemma

Beckett deve ter se levantado em algum momento no meio da noite para cuidar do fogo, porque quando acordo com um nascer do sol de inverno azul e nítido brilhando em meu rosto da janela da sala de estar, o fogo ainda está rugindo, e não estamos mais entrelaçados como estávamos quando adormecemos.

Um ronco leve vem de trás de mim, e eu saio de baixo dos cobertores o mais cuidadosamente que posso para não incomodá-lo. Jogo o casaco dele ao meu redor e vou na ponta dos pés até o balcão onde deixei meu telefone ontem à noite. Beckett deve ter desligado para mim, porque nada acontece quando eu toco nele. Isso foi inteligente, considerando que não há onde carregá-lo. E gentil. E atencioso.

Faz um tempo que alguém não pensava em fazer algo pequeno e significativo para mim. Pelo menos, é o que digo a mim mesma quando as lágrimas salpicam em meus olhos, porque é bobagem ficar emocionada por alguém cuidar de mim dessa forma. Geralmente sou eu quem tem que ficar no comando de todas as coisas, cuidar de todos os outros. Mesmo morando com meus pais, eles amam Nova e eu e estão sempre dispostos a ajudar, mas geralmente não cuidam de coisas pequenas como essa. Não é que eles não queiram. Não é assim que operamos.

Ligo meu telefone e vou silenciosamente para o escritório, fechando a porta suavemente atrás de mim. Assim que meu telefone acende, faço uma

videochamada para minha mãe. Ela atende no primeiro toque.

— *Oi, querida* — ela diz enquanto seu rosto sorridente preenche a tela. Ela puxa as bordas fofas de seu robe para apertá-lo mais. Sua imagem se agita enquanto ela apoia o telefone em algo na frente dela. — *É bom ver seu rosto. A tempestade foi bem intensa.*

— Vocês estão bem? — Tento evitar que meus dentes batam de frio longe da lareira e do corpo quente de Beckett. E então, tento evitar que o rubor suba em meu rosto ao pensar em Beckett, nu sob os cobertores no cômodo ao lado.

— *Não foi tão ruim aqui quanto onde você está. Seu pai ficou observando o radar a noite toda. A maioria não nos atingiu, mas atingiu aí, ele acha.*

Claro que ele ficou observando o radar a noite toda. Verificar o tempo e brincar de meteorologista amador durante uma tempestade é o auge de todo pai do Centro-Oeste. E se você procurasse esse termo no dicionário, haveria uma foto dele bem ao lado da definição.

Eu sorrio com isso, mesmo quando olho pela janela para não ver nada além de pilhas gigantes e brancas de neve até onde os olhos conseguem alcançar.

— Sim — suspiro enquanto meu humor despenca. — Não sei quando conseguiremos sair daqui. Acho que o carro de Beckett provavelmente foi soterrado pela neve.

— *Está tudo bem, Gemmy. Contanto que você esteja segura. Nova está bem conosco. Ela ainda está dormindo.* — Minha mãe está tentando ser reconfortante, mas minhas malditas lágrimas estão aparecendo de novo.

— Mas é véspera de Natal — minha voz é lamentável e baixa. — Eu amo passar a véspera de Natal com vocês.

— *Eu sei, querida. Mas podemos refazer o Natal se precisarmos, contanto que você esteja segura* — ela repete, mais severa dessa vez. Eu sei que ela está certa. Tivemos sorte de chegar aqui antes da tempestade e, embora esteja frio, temos uma fogueira e comida. As coisas poderiam ser piores.

— Ainda não comprei um presente para ela — sussurro enquanto enxugo os olhos. — Eu ia fazer isso ontem à noite quando voltássemos.

Minha mãe inclina a cabeça para o lado.

— *Você tem estado tão ocupada com esse trabalho, Gemmy-bear.* — Não é uma bronca. Ela está se justificando por mim, mas a culpa se insinua, mesmo assim. — *Nova é muito pequenininha. Ela não vai se lembrar. Apenas se concentre em chegar em casa o mais segura possível, ok? Podemos nos*

*preocupar com o resto depois.*

Concordo silenciosamente e enxugo as lágrimas dos meus olhos novamente.

— Dê um grande abraço na Nova por mim, ok? Provavelmente devo economizar a bateria do meu telefone.

— *Claro, querida. Nos vemos em breve.*

Nos despedimos, e levo alguns segundos extras depois de desligar meu telefone novamente para me recompor. Quando acho que abafei minha tristeza o suficiente para que ela fique lá, saio do escritório e volto para o calor da sala de estar.

Tento deslizar de volta para baixo das cobertas com cuidado, mas assim que estou aninhada, Beckett rola para mim e envolve seu braço em volta do meu tronco. Ele pressiona um beijo quente na minha nuca.

— Como está Nova? — ele pergunta.

— Dormindo — eu respondo simplesmente. — Desculpe se eu fiz barulho.

— Você não fez. Imaginei que você ligaria para ela primeiro.

Isso também mexe com meu coração. Desde quando ele me conhece tão bem?

Não parece algo que exija uma resposta, então eu não digo nada. Em vez disso, eu me concentro em respirar firmemente, tentando aproveitar a pele de Beckett pressionada contra a minha.

— O que há de errado? — ele pergunta depois de um tempo. — Além do óbvio de não estar com sua filha na véspera de Natal.

— Bem, isso. Principalmente — admito. — Mas eu não tive a chance de comprar o presente de Natal dela. Eu ia fazer isso ontem, mas... — Eu paro e dou de ombros o melhor que posso no abraço de Beckett. — Ela não vai se lembrar disso de qualquer maneira, eu acho.

— Mas você vai — ele diz suavemente.

Porra. Este homem está fadado e determinado a me fazer chorar de novo, não é?

— Eu vou. — Eu olho para as chamas bruxuleantes na minha frente e rezo para que as lágrimas não comecem. — Mas eu consigo lidar com a decepção.

— Não significa que não seja ainda perturbador para você. — Ele me aperta mais forte, e é tão bom. Eu poderia me acostumar a ter alguém para tirar um

pouco do peso. Alguém como Beckett, que parece entender o quão esmagadora a pressão é às vezes. Mas não ouso ter esperanças de que isso seja mais do que uma coisa única. Sexo na neve no Natal não é a base para um relacionamento duradouro.

Certo do que está fazendo, Beckett se aproxima de mim, sua dureza pressionando contra minha bunda. Eu rio. Deveria parecer grosseiro, mas isso tira um pouco da pressão também. É quase como se ele soubesse que preciso sair da minha própria cabeça por um tempo, e ele está me ajudando.

— Sinto muito. — Ele não parece nem um pouco arrependido. — Não consigo evitar. Você é linda. — Sua mão começa a subir em direção aos meus seios. É dolorosamente lento, como se ele estivesse me dando uma chance de calá-lo.

Pego sua mão com a minha e a pressiono contra meu seio, onde seus dedos imediatamente o envolvem. Enquanto ele brinca com meu mamilo, pressiono minha nádega contra seu pau para que possa esfregar contra ele, o que o faz com um gemido baixo.

Beckett arrasta sua mão para longe do meu mamilo inchado para segurar entre minhas pernas. Quando ele pressiona dois dedos dentro de mim e espalma meu clitóris, eu grito: — Porra, sim! — Já estou ofegante.

Beckett beija meu pescoço, e eu inclino minha cabeça o máximo que posso para dar acesso a ele. O ritmo de sua mão é lento e constante, e ele combina os impulsos de sua palma com os impulsos de seus quadris contra minha bunda. Onde a noite passada foi carente e faminta, esta manhã é sensual e apaixonada. Ele está pensando que isso é mais do que apenas sexo na neve também?

Mas vou ter que pensar nisso mais tarde, porque estou desesperada por mais do que apenas sua mão entre minhas pernas.

Agarro seu pulso como um sinal para ele remover os dedos, o que ele faz. Levanto minha perna de cima mais alto, e antes que eu possa dizer o que quero, ele agarra meu joelho e seu pau pressiona contra mim quase entrando.

— É isso que você quer? — Beckett sussurra em meu ouvido.

— Sim. — Engulo em seco com ansiedade enquanto tento me abaixar sobre ele, mas sua mão aperta minha perna, me mantendo no lugar.

Ele coloca cerca de três centímetros em mim. Não o suficiente. Então se afasta. Eu choramingo em protesto.

— O quanto você quer isso? — ele provoca.

Eu gemo.

— Você não vai me fazer dizer isso.

A ponta dele entra em mim novamente, então ele a puxa para fora. Beckett rebola para frente para que seu pau roce contra meu clitóris. Eu fecho meus olhos e suspiro.

— Eu certamente vou fazer você dizer isso. O quanto você me quer dentro de você, Gemma? — sua voz soa como chocolate, derretido e macio e cheio de prazer.

— Agora mesmo — eu ofego. — Eu quero você dentro de mim mais do que eu quero qualquer outra coisa no mundo inteiro.

Ele entra cerca de três centímetros novamente, mas não se afasta dessa vez.

— Quanto de mim você quer?

— Tudo de você — respondo sem hesitação.

— Você tem certeza? — Seu pau vai um pouco mais para dentro de mim. Tenho certeza de que vou explodir.

— Deus, sim. Por favor, Beckett.

E então, ele está completamente dentro de mim. Eu dou um suspiro de alívio por estar cheia dele novamente. Não tinha percebido o quanto eu sentia falta disso nas poucas horas em que estivemos dormindo.

— Você disse a palavra mágica. — Seus dentes roçam a pele do meu pescoço. Eu tremo.

— Qual? Por favor?

— Não. — Seu pau pulsa dentro de mim. — Beckett.

Ele começa um ritmo com seus quadris que combina com sua mão que estava segurando minha perna para cima. Na sua ausência, descanso minha perna em cima da dele, o que tem o efeito de me apertar mais forte em volta dele. Posso senti-lo ainda melhor dentro de mim.

— Beckett — eu chamo com um gemido. — Continue fazendo isso, e eu direi seu nome quantas vezes você quiser.

— Não é bom o suficiente. — Ele estoca mais forte. Estou tão faminta por isso que envolvo minha perna em volta da dele e me empurro ainda mais perto. — Meu nome vai ser a única coisa que você vai lembrar quando eu fizer você gozar tão forte que verá estrelas.

— Uhumm — concordo, porque ele está certo. Não consigo pensar em nada além dele. Beckett me cerca. O calor de sua pele, o cheiro de alecrim de sua loção pós-barba, o som rouco e desesperado de sua respiração em meu ouvido. Ele bloqueia todo o resto. Ele é tudo que eu nunca soube que precisava.

Beckett serpenteia sua outra mão por baixo de mim e a usa para beliscar um dos meus mamilos. É uma sobrecarga sensorial, mas da melhor maneira. É dor, prazer, impulso e compreensão, tudo me enrolando em uma pequena bola apertada de desejo. A pressão aumenta em meu sexo enquanto Beckett encontra o ritmo perfeito atrás de mim.

Vou explodir, e logo.

— Ah — respiro. — Estou quase.

— Eu também. Você é tão linda quando goza, Gemma. Deixe-me ver.

Seus dedos se movem mais rápido sobre meu clitóris, e a pressão dentro de mim se estilhaça. Estremeço, pulso e grito seu nome repetidamente. Seu ritmo se torna completamente irregular enquanto ele empurra impossivelmente mais fundo e mais forte. Isso só acaricia as partes sensíveis dentro de mim, e eu continuo a tremer com minha liberação. Ele enterra a cabeça no meu pescoço enquanto pulsa mais uma vez, então goza dentro de mim.

Ficamos lá até muito depois que ele amoleceu. O fogo está morrendo, e a luz fria do sol entrando pela janela sinaliza que está se aproximando do meio-dia. A cada momento que passa, minha esperança de que as condições melhorem a tempo de chegar em casa na véspera de Natal diminui como as chamas. Sei que deveria me limpar, talvez até colocar alguma distância entre Beckett e eu porque isso vai ter que acontecer eventualmente. Mas é bom demais estar deitada aqui, seus dedos acariciando para cima e para baixo no meu corpo, seus lábios pressionando contra meu pescoço e costas de vez em quando.

Estou quase cochilando quando um barulho extremamente alto e raspador vem de fora. A mão de Beckett para enquanto ouvimos.

Esse som é inconfundível. É um arado de neve.

Sento-me com um suspiro, quase tonta.

— Isso que eu acho que é?

Beckett é mais lento para se arrastar para fora do chão, quase como se estivesse triste por deixar nosso casulo para trás.

— Acho que é um milagre de Natal — ele entoa.

Engraçado, isso não parece que ele realmente pense que é um milagre. Ele começa a vestir suas roupas, e tenho que admitir, quando o vejo fazendo isso, também não tenho certeza se acho que é um milagre.

— Por que você não se limpa? Vou ver o que está acontecendo — ele sugere. Eu aceno e pego minhas roupas no caminho para o banheiro.



# Capítulo 17

## Beckett

Tento encontrar um pingo de vergonha pela maneira como olho para Gemma enquanto ela corre para o banheiro, mas não tenho nenhuma. A bunda dela é perfeita. Estou apenas um pouco chocado com a revelação de que gostaria de olhar para ela todos os dias.

O arado lá fora raspa contra o pavimento novamente, e sou rapidamente lembrado de que essa situação entre nós está prestes a acabar assim que sairmos desta casa. Tenho certeza de que ela não quer carregar nada do que aconteceu nas últimas vinte e quatro horas para fora daqui. Os caras do escritório já a incomodam o suficiente; ela não precisa que eles pensem que ela está recebendo tratamento especial porque está comigo, além disso. Eu nem sei se ela quer ficar comigo, ou como é “comigo”. Ela tem uma filha, pelo amor de Deus. Não posso simplesmente entrar na vida dela como se não houvesse repercussões se as coisas não derem certo.

Isso é uma confusão. E eu não sou de fazer confusão. Eu faço paredes brancas, linhas limpas e um Natal agradável e tranquilo.

Por um minuto esta manhã, quando eu estava acordado e reacendendo o fogo, olhei para fora e imaginei que não havia como sairmos daqui antes de amanhã. Eu tinha visões de uísque e manteiga de amendoim e as curvas deliciosas de Gemma dançando na minha cabeça. Mas este arado está limpando tudo isso junto com a neve, e está azedando tudo.

Visto minhas roupas com mais força do que o absolutamente necessário e vou para fora antes que Gemma saia do banheiro. Talvez o ar fresco me faça bem.

— Bom dia! — grita um jovem enquanto salta de sua caminhonete. Há um arado preso na frente dela, e ele está segurando uma pá na mão. — Eu sou Jack.

— Beckett — eu respondo, protegendo meus olhos contra o sol forte de inverno refletindo na neve brilhante. — Minha... colega de trabalho e eu ficamos presos aqui ontem à noite. Estamos trabalhando na reforma da casa.

— Ah — Jack diz como se isso explicasse alguma coisa. — Eu sabia que este não era o carro da Sra. Dash, mas pensei que talvez o filho dela tivesse comprado um novo e estivesse vindo passar o Natal ou algo assim. Eu não tinha ouvido falar que ela estava reformando.

Está claro que este homem quer puxar conversa comigo, e eu não gosto de conversa, então dou de ombros.

— Bem, ela está sim.

— Faz sentido. O Sr. Dash deixou muito dinheiro para ela, e uma atualização faria bem a este lugar. — Jack assobia em aprovação. — Ela me contrata para fazer uns bicos de vez em quando. É por isso que estou aqui. Eu sempre limpo a estrada e desenterro o carro dela depois de uma tempestade — ele diz como forma de explicação. — E, você sabe, para dar uma olhada nela. É a coisa de vizinho, certo?

— Certo. — Enfio as mãos nos bolsos. Jack finalmente para de falar e abre espaço suficiente atrás do meu carro para que eu possa sair da garagem e entrar na única faixa da estrada rural recém-arada.

Eu deveria estar grato. Dessa forma, Gemma e eu não poderemos nos aprofundar mais ou deixar as coisas ainda mais bagunçadas. Posso voltar para o meu apartamento, dar uma olhada no meu gato e me servir de um pouco de conhaque. Como sempre faço na véspera de Natal. Quem se importa se minha lareira é a gás e chique, não a enorme lareira a lenha em frente à qual Gemma e eu fizemos amor. *Duas vezes*. É melhor assim, provavelmente, porque então não vou me lembrar da sensação da pele dela contra a minha, ou de como meu coração se sentiu estranho quando ela repetidamente gritou meu nome.

Como se pensar nela a convocasse, a porta de tela atrás de mim bate, e ela vem até mim. Seu cheiro me envolve — todo de tempero e açúcar.

Jack faz uma pausa no processo de carregar sua pá na traseira de sua

caminhonete.

— Bom dia, senhorita — ele diz. — Eu estava dizendo ao seu colega de trabalho aqui, eu sempre venho limpar a rota da Sra. Dash depois de uma tempestade como essa. Eu não tinha certeza se ela estaria aqui ou com o filho, mas vi seu carro e imaginei que vocês poderiam querer uma ajuda para sair daqui.

Ela parece ficar tensa com a palavra “colega de trabalho”, mas então bate palmas com as mãos enluvadas e se mexe.

— Isso é incrível. Muito obrigada.

— Sem problemas. Vocês dois tenham um feliz Natal, ok? — Jack volta rapidamente para o calor de sua caminhonete e acena para nós enquanto ele dá ré e continua limpando a rua.

Eu franzo a testa para a caminhonete enquanto a observo continuar a limpar a neve da estrada rural abandonada, mas posso sentir os olhos de Gemma em mim. Acho que terei que lidar com isso mais cedo ou mais tarde. Mas quando finalmente olho para ela, aqueles olhos verdes estão arregalados de empolgação, como se Jack fosse seu próprio Papai Noel pessoal, e a possibilidade de passar a véspera de Natal com sua família fosse o único presente que ela sempre quis.

— Temos que dar uma limpada na casa — eu hesito, esperando ter pelo menos um pouco mais de tempo para colocar minha cabeça no lugar. Talvez até mesmo para falar com ela sobre o que quer que seja isso.

— Eu já limpei. Foi por isso que demorei tanto. — Com certeza, uma sacola de sobras de compras está aos seus pés.

— Mas tem o fogo. Temos que ter certeza de que está apagado — eu insisto.

Gemma balança a cabeça.

— Havia uma manta corta-fogo ao lado da lareira. Além disso, estava quase apagado. Usei a manta e a água. Está tudo certo.

Eu a estudo por um longo tempo, tentando e falhando em pensar em mais motivos para ficar.

— Bem — eu finalmente digo —, então vamos te levar para casa, eu acho.

Sou terrivelmente ruim em conversa fiada. Acontece que também sou terrivelmente ruim em qualquer tipo de conversa. Há um elefante gigante neste carro conosco, e sou covarde demais para falar sobre isso. Então, acabamos voltando para a casa dos pais dela em silêncio.

Mas Gemma também não diz nada. Ela apenas olha pela janela do passageiro. Mesmo que ela não esteja roendo as unhas dessa vez, parece óbvio depois de um tempo que ela propositalmente não está olhando para mim. Ela se arrepende do nosso tempo juntos agora que estamos na luz do dia. Tenho certeza disso. Ela pensou nisso, percebeu que eu sou tecnicamente superior a ela, ou que nossas personalidades entram em conflito e ela prefere não passar mais tempo com minha bunda rabugenta do que o necessário, ou que ela não pode me apresentar à filha dela. Ou talvez até que eu seja simplesmente velho demais para ela. Dez anos é muito para algumas pessoas. Seja o que for, ela superou o que houve, e ela simplesmente não quer me falar a respeito. De volta ao normal.

Digo a mim mesmo que está tudo bem. Na verdade, quando entro na garagem dos pais dela, já resolvi que é uma boa decisão. Todas essas coisas são verdadeiras, e não podemos mudá-las só porque fizemos um sexo incrível. Ou só porque acho ela adorável e engraçada. Ou porque nunca me senti assim por uma mulher antes.

Um rosto gordinho aparece na janela da casa atrás de um contorno de grandes luzes de Natal coloridas que estão apagadas na luz do dia que se põe. Uma árvore preenche a janela ao lado delas, e as luzes nela piscam de dentro. Nova vê sua mãe e começa a pular para cima e para baixo, batendo no vidro. Uma mulher que deve ser a mãe de Gemma aparece atrás dela e a levanta gentilmente. Elas acenam para nós, e o corpo inteiro de Gemma se inclina para frente em seu assento como se ela estivesse sendo puxada em direção a elas por uma força invisível.

Mas ela fica no carro em vez de pular para fora e me deixar no vácuo como eu esperava que ela fizesse.

— Você quer entrar? — Ela não tira os olhos da filha.

Não tenho certeza se ouvi direito.

— O quê? — pergunto.

Ela se vira para mim então, seus lindos olhos quase implorando.

— Entre. Ninguém deve ficar sozinho na véspera de Natal.

Eu franzo a testa para ela.

— Eu gosto de ficar sozinho na véspera de Natal.

Ela inclina a cabeça e me olha como se soubesse que estou falando merda. E talvez eu esteja, mas quando olho para sua filha esperando animadamente que sua mãe saia do meu carro e comemore o feriado com ela, tenho certeza de que

estou tomando a decisão certa. Gemma não pode simplesmente me testar, deixar Nova se apegar e me ver sair ileso. Isso aconteceu com minha própria mãe uma vez, e foi o suficiente para que ela deixasse de namorar pelo resto da vida. Não posso permitir que isso aconteça com Gemma. Ela tem uma vida inteira pela frente. Ela tem outras coisas com que se preocupar além de seu próprio coração partido, se chegar a esse ponto.

Não. É melhor eu ir para casa, beber meu conhaque e abraçar meu gato.

Eu balanço minha cabeça.

— Vá passar um tempo com sua família, Gemma — eu digo baixinho. — É o que você queria de Natal.

Ela desanima um pouco, mas se anima novamente quando Nova se inclina para frente dos braços de sua avó para bater na janela mais uma vez.

— Ok — Gemma diz, resignada. — A gente se vê depois das festas, então, eu acho.

Ela me lança um último olhar questionador, como se estivesse se perguntando se talvez eu gostaria de vê-la antes disso. Claro que sim, mas nem sei como seria. Não vou fazer promessas que não posso cumprir agora, então aceno uma vez.

Ela pisca rapidamente algumas vezes, então engole em seco antes de sair do carro. Eu a observo caminhar até a porta, que se abre para ela assim que ela se aproxima. Nova praticamente se joga nos braços de Gemma antes que ela cruze a soleira.

É um doce reencontro, e eu sei, por falar com ela no chão daquele escritório escuro e frio, que Gemma está nas nuvens por ver sua filha depois da noite improvisada fora. Então, tento não ficar muito magoado por ela nem me dar uma olhada antes que a porta se feche.



# Capítulo 18

## Gemma

A cozinha está um desastre absoluto, como sempre na véspera de Natal. Minha mãe está com seu famoso assado no forno, e restos de vegetais espalhados pelas bancadas. Onde não há restos do jantar dela, há farinha espalhada em montes brancos em todas as outras superfícies disponíveis, junto com bandejas com cerca de seis tipos diferentes de biscoitos de Natal. Nova não solta meu pescoço, então eu sento à mesa da cozinha com ela no meu colo, de frente para mim. Isso permite que ela se agarre melhor com as pernas em volta do meu corpo, mas pelo menos meus braços têm um descanso.

Pego um biscoito de açúcar recém-coberto de uma bandeja próxima e dou uma mordida gigante.

— Você sabe que o Papai Noel só precisa de um ou dois biscoitos, certo? — dirijo a pergunta por cima do ombro de Nova para minha mãe, que está atualmente espremendo pequenas árvores verdes de uma prensa de biscoitos.

Mamãe me lança um olhar sofrido. Eu falo algo sobre o apocalipse dos biscoitos dela todo ano, e todo ano ela diz a mesma coisa que diz agora: — Papai Noel não é o único que precisa de um pouco de alegria de Natal. — Só que dessa vez, ela continua dizendo: — Parece que você precisa de um pouco de alegria também.

*Só preciso de mais uma mordida para terminar o biscoito.*

— Quer dizer, um banho quente me faria muito bem depois de dormir no

chão de uma casa gelada — resmungo com a boca cheia.

— Uhmm — ela cantarola, não convencida. — Tem mais coisa aí. — Inclina a cabeça enquanto me estuda por um momento. — Não teria nada a ver com aquele homem bonito que te trouxe para casa, teria?

Eu quase engasgo com o biscoito.

— O quê? Não. — Nova tira a cabeça do meu ombro para olhar para mim. Ela não consegue entender a pergunta, mas seus olhos arregalados estão absorvendo a conversa, mesmo assim. Tusso para tirar as migalhas da minha garganta. — Não, mãe. Estou cansada, só isso. Dormir em um piso de madeira em frente a uma lareira não é tão aconchegante quanto parece.

— Uhmm — mamãe cantarola novamente. Ela claramente não acredita em mim, mas fica quieta por um minuto enquanto pressiona mais duas árvores na assadeira. — Você deveria tê-lo convidado para entrar um pouco.

Ela não consegue evitar acrescentar essa última parte. Ela quer que eu tenha um parceiro porque sabe que eu também quero isso. Desde que conheci o pai de Nova. Eu realmente pensei que ele e eu ficaríamos juntos para sempre, mas a ideia de um bebê foi demais para ele. Ele foi embora, e não sei para onde foi. Não tive notícias dele desde então. Me livrei de uma bomba, ao que parece. Mas mesmo que a bomba não tenha me acertado, ainda deixou um buraco.

Se ao menos fosse tão fácil quanto convidar Beckett para entrar. Deixar Beckett de paredes brancas e linhas limpas entrar nessa confusão teria sido uma péssima ideia. O homem não consegue nem lidar com uma geladeira azul-petróleo; tenho certeza de que ser coberto de farinha por uma criança ao mesmo tempo em que conhecia meus pais teria sido um desastre. Foi melhor ele ter dito não.

Ainda assim, meu coração dói um pouco.

— Eu convidei — murmuro. As sobrancelhas da minha mãe se erguem levemente enquanto eu pigarreio. — Ele tinha coisas para fazer.

Mamãe assente silenciosamente e, se sabe que estou mentindo, não demonstra. Na verdade, ela não diz mais nada sobre isso. Ela apenas esfrega as mãos no avental e se junta a mim na mesa. Ela estende a mão para Nova, que me agarra ainda mais forte, sentindo que está prestes a ser puxada para longe.

— Vamos, amorzinho. Solte a mamãe para que ela possa tomar banho. — Minha mãe gentilmente tenta arrancar Nova de mim, mas ela está com seus bracinhos gorduchos tão firmemente em volta do meu pescoço que eu mal

consigo respirar.

— Por que você e a vovó não colocam granulado nesses biscoitos para que possamos assá-los para o Papai Noel? — pergunto, esfregando suas costas.

— Não — a palavra é aguda e resoluta, não deixando espaço para discussão.

Eu a aperto um pouco mais forte.

— Eu sei. Eu também senti sua falta, amorzinho. Mas estou fedendo.

A cabeça de Nova salta do meu ombro novamente. Ela funga algumas vezes, então franze o nariz e ri.

— Mamãe fedida.

Eu bato em seu nariz com meu dedo indicador, e ela ri novamente.

— Vá com a vovó e prepare os biscoitos, ok? Volto em uns minutos.

Ela relutantemente deixa minha mãe levá-la. Elas começam a cantar uma canção de Natal desafinada e, francamente, irreconhecível, e quase imediatamente ela já está rindo.

Talvez, depois de um banho, eu tenha limpado o cheiro de alecrim de Beckett de mim e também consiga rir na véspera de Natal.



# Capítulo 19

## Beckett

*Livro, conhaque, gato. É isso que eu quero. É o que eu faço toda véspera de Natal.* Repito para mim mesmo como um mantra enquanto refaço a rota da casa dos pais de Gemma de volta à rodovia. Como se a repetição pudesse me convencer.

No verdadeiro estilo suburbano, há um shopping gigante logo antes da entrada da rodovia. Parado no semáforo, observo os compradores de última hora lotando os estacionamentos e me pergunto se Gemma conseguirá escapar para comprar um presente para Nova.

Uma das lojas âncora é uma livraria. Vê-la me lembra que eu também não tive a chance de ir até a loja e comprar um livro para minha noite. Eu sempre compro um livro especial de capa dura para abrir na véspera de Natal, mas tenho estado tão ocupado com a casa Dash que não consegui escolher um. Pelas famílias entrando e saindo da loja, parece que eles ainda estão abertos. Eu poderia muito bem parar aqui, já que não há garantia de que conseguirei voltar à livraria local antes que fechem para o feriado. Resmungando, sinalizo e entro na faixa de conversão.

Quando abro as grandes portas de carvalho na entrada, sou recebido pelo cheiro quente de baunilha e amêndoa de livros novos. Vou direto para a mesa de lançamentos de capa dura. Com sorte, encontrarei algo rapidamente e então poderei seguir meu caminho.

Mas o que chama minha atenção não são os livros de capa dura. É a mesa ao lado deles, cheia de brinquedos caros e comprados por impulso, dispostos para os compradores pegarem para as crianças a caminho do caixa.

Gemma estava de coração partido por não ter um presente para sua filha. Não há como ela conseguir escapar para comprar um esta tarde. As lojas fecham em breve e ela não vai querer sair de perto de Nova, de qualquer maneira.

Antes que eu possa me convencer do contrário, pego a boneca do meio da mesa e a carrego debaixo do braço até o caixa.

Só quando estou saindo do estacionamento e virando à esquerda, de volta para a casa de Gemma, é que percebo que nem me lembrei de escolher um livro.



# Capítulo 20

## Gemma

Quando finalmente chego ao chuveiro, deixo a água quente rolar sobre meus ombros até meus dedos ficarem enrugados. Nos mantivemos aquecidos o suficiente na casa dos Dash — mesmo quando não estávamos envolvidos em nenhuma atividade quente — mas há algo me gelando até os ossos que não acho que tenha nada a ver com o ar frio de dezembro. E, claro, me sinto muito mal por dizer a Nova que voltaria em alguns minutos e depois passar pelo menos trinta no chuveiro, mas ela está bem. Ela sentiu minha falta, mas ficou bem a noite toda sem mim.

Estar do outro lado agora, posso admitir que foi realmente libertador. Tive dois anos sendo mãe solo. Sendo a única que podia alimentá-la, acalmá-la ou fazê-la dormir quando ela era um bebê pequeno, e então a única que ela queria quando ficou um pouco mais velha. Eu a deixo para ir trabalhar todos os dias, mas isso é diferente. É uma necessidade. Deixando-a para que eu possa me divertir um pouco sozinha? Isso é revolucionário.

Talvez seja o melhor que posso dizer sobre essa situação com Beckett — que aprendi a deixar minha filha por um tempo para retomar um pouco da minha vida. E, eu acho, se é só o que posso tirar disso, não é tão ruim. Eu não tinha percebido o quão ansiosa eu estava em deixá-la até a noite passada, mas também não tinha percebido o quanto eu precisava disso até então.

Mesmo assim, enquanto me olho através do vapor embaçando o espelho do banheiro, não consigo deixar de me perguntar como seria se pudéssemos ter algo

mais.

Ah, bem. Não faz sentido ficar pensando nisso, eu acho. Estávamos lá e tivemos uma noite divertida. Nós dois deixamos isso claro, mesmo que tivéssemos dançado em torno da possibilidade de uma extensão. O que está feito, está feito.

Atravesso o corredor até o quarto que divido com Nova com uma toalha enrolada firmemente em volta do meu tronco e outra no meu cabelo. Eu me demoro massageando o produto pelos meus cachos em frente à pequena penteadeira no quarto. Enquanto faço isso, a campainha toca. Provavelmente são os mesmos cantores de Natal da vizinhança que vêm toda véspera de Natal, e de repente me sinto cansada demais para ficar na porta sorrindo e fingindo que eles cantam bem.

Muito lentamente, visto leggings pretas, um suéter de Natal chamativo e meias de Natal felpudas. Penso em fazer minha maquiagem só para ter certeza de que os cantores de natal tenham ido embora quando eu chegar lá, mas decido não fazer isso. Não há ninguém para impressionar aqui.

Eu me sento na beirada da cama e estou prestes a passar um tempo sem rumo no meu telefone quando o som inconfundível de Nova batendo no piano dos meus pais chega até mim. O gemido que me escapa não é alto o suficiente para ser ouvido lá embaixo, mas é quase. Por que minha mãe insiste em deixar o piano vertical aberto quando Nova está por perto está além da minha compreensão. Mamãe toca às vezes — principalmente para entreter a neta — mas, na maioria das vezes, é a própria Nova que dá um concerto para a família. Eu uso a palavra “concerto” vagamente; é mais como uma cacofonia de barulho.

Quando me convenço de que as batidas são melhores do que as canções de natal, abro a porta do quarto. O som para de repente. É seguido quase imediatamente por uma bela interpretação de “Noite Feliz”. É um pouco mais otimista do que a versão de Beckett na casa dos Dash, mas isso não ajuda na pontada no meu coração quando essas notas flutuam escada acima.

*Caramba, mãe. Me enfie a faca de uma vez.*

Nova solta uma risadinha aguda, que é imitada quase perfeitamente pelo piano e a faz rir ainda mais.

Isso é impressionante. Mamãe realmente tem praticado.

É a risada que me dá o empurrão para virar o corredor para a sala de estar, apesar da tristeza ainda me puxando. Nova sempre conseguia me tirar de qualquer coisa que estivesse me derrubando. Ela é mágica assim.

Mas quando chego à sala de estar, paro no meio do caminho. Mamãe não está tocando piano. Ela está parada ali assistindo com o braço do papai em volta dos ombros. Viro-me lentamente para o piano vertical contra a parede da sala de estar e tenho que piscar algumas vezes antes de conseguir processar o que estou vendo.

Beckett está sentado no banco do piano, seus dedos longos voando sobre as teclas do piano. Nova está no colo dele entre os braços, apertando teclas aleatórias enquanto toca.

É a coisa mais fofa que já vi.

Ele termina a música com um floreio. Meus pais aplaudem, e Nova também bate palmas enquanto grita: — De novo!

Eu fico ali parada como uma idiota. Não sei bem o que está acontecendo ou por que ele está aqui, e tenho medo de que, se eu me mover, ele desapareça pela chaminé.

Beckett segura Nova enquanto ele gira suas pernas longas sobre o encosto do banco do piano para nos encarar. Seus olhos azul-gelo encontram os meus imediatamente, como se ele tivesse me sentido entrar na sala alguns minutos atrás.

— Oi — ele diz. Como se ele sentado no piano da minha mãe na sala de estar dos meus pais segurando minha filha no colo fosse a coisa mais normal do mundo.

— Uhm, oi?

— Ah, querida, seu colega de trabalho aqui disse que você esqueceu isso no carro dele, e ele quis trazer para você. — Mamãe me estende uma sacola de livraria. — Não é legal?

Pego a sacola com dedos dormentes, meus olhos ainda em Beckett.

— Eu... esqueci isso?

— Claro — ele diz. E se não me engano, seus olhos brilham com travessura. Se eu não tivesse passado uma noite com ele, pensaria que ele era o retrato da indiferença casual, mas há uma rigidez em seus ombros que sugere que ele está se perguntando se fez a escolha certa ao aparecer aqui.

Nova se contorce para fora de seu colo. Beckett não trocou as roupas de ontem e, além dos vincos, agora há um rastro de farinha que Nova deixa para trás. Tenho certeza de que quando ele perceber, isso o deixará louco, mas agora, ele só tem olhos para mim.

— Vamos terminar os biscoitos, certo? Dê um minuto a esses dois. — Mamãe levanta Nova em seu quadril.

— Alguma chance de eu não participar disso? — Papai implora. Ele evita o apocalipse dos biscoitos todos os anos desde que eu era criança. Na verdade, estou surpresa que ele tenha saído de sua caverna, também conhecida como a toca no porão, para ouvir Beckett tocar sabendo que os biscoitos não estavam prontos.

— Não! — Mamãe usa o outro braço para empurrá-lo gentilmente em direção à cozinha. — Estou com um par de mãos a menos, então as suas terão que servir. — Ela pisca para mim enquanto os três passam e saem da sala.

Beckett se levanta lentamente, mas não se afasta do piano.

— Desculpe por te pegar de surpresa.

— Eu esqueci... o que é isso? — pergunto, levantando a sacola.

— Um presente. Para Nova — ele diz rispidamente.

Eu franzo as sobrancelhas, confusa.

— Você comprou um presente para Nova?

Ele olha para a sacola na minha mão como se ela contivesse a resposta.

— Bem, tecnicamente, sim. Mas você disse que não teve tempo de comprar nada para ela, então pensei... — ele para e finalmente olha para mim. Lágrimas picam no canto dos meus olhos. Ele deve vê-las, porque ele imediatamente recua. — Não é que eu ache que você não pode comprar seus próprios presentes. Mas imaginei que você não conseguiria sair para comprar nada para ela, só isso. Você pode me pagar de volta se isso significa tanto para você.

Seu tom é duro, mas sua expressão é suave. As palavras estão me faltando, então engulo em seco para tentar aliviar a secura na minha boca enquanto espio dentro da sacola. Uma boneca me encara com grandes olhos verdes.

Nova tem um baú de brinquedo inteiro cheio de bonecas em vários estados de vestimenta e limpeza. Ela encontrou uma tesoura uma vez, então algumas delas também estão sem pedaços de cabelo. Mas ela não nos deixa jogar nenhuma delas fora. Ela tem um ataque absoluto sempre que tentamos. Então ficamos com este baú de brinquedo horrível cheio de bonecas assustadoras na sala de estar. Não precisamos de outra boneca de jeito nenhum. Na verdade, eu instaurei uma proibição nas compras de bonecas depois do aniversário dela, quatro meses atrás.

Mas meu sorriso se estende por todo o meu rosto, quase machucando minhas bochechas quando encontro o olhar azul-gelo de Beckett.

— É perfeito — eu digo.

Ele relaxa visivelmente, mas enrijece novamente como se percebesse algo.

— Vou te deixar em paz, então. Feliz Natal, Gemma — Beckett diz meu nome gentilmente, como se fosse um presente que ele estivesse guardando para si mesmo. Ele gira nos calcanhares e caminha de volta para a porta da frente.

Seria devastador nunca mais ouvir meu nome em seus lábios assim. E essa percepção me impulsiona para frente.

— Parece que você não quer ir — eu provoco.

Ele lentamente me encara novamente.

— Como assim?

— Você veio até aqui com um presente para minha filha, mentiu para meus pais sobre isso e tocou piano com uma criança no seu colo usando roupas amassadas com uma mancha de farinha. Bem atípico de você, Becko.

Ele olha para si mesmo, então limpa a farinha e sorri.

— Não conte a ninguém. Tenho uma reputação a zelar.

— Nem sonharia com isso. — Inclino a cabeça e estreito os olhos. — Por que você não tenta algo completamente diferente do normal?

Espero que ele zombe e saia pela porta, mas ele dá um passo em minha direção e diz: — Tipo, o quê?

— Tipo, ficar para o jantar. Tipo, ficar conosco esta noite em vez de ficar na sua cobertura triste e solitária.

— Não é uma cobertura — ele resmunga, mas dá outro passo.

— Tipo, passar um tempo comigo sem ser forçado a isso.

— Estou aqui sem ser forçado a estar, não estou? — Mais um passo. Depois outro. Ele está a apenas alguns centímetros de mim agora.

— Tipo...

— Tipo, beijar você debaixo do visco? — Seus olhos caem para meus lábios.

— Não temos visco — eu sussurro.

— Engraçado — ele diz, circulando seu braço em volta da minha cintura e

me puxando para perto —, eu poderia jurar que vi um. Acho que vou ter que tentar outra coisa, então. Talvez dar uma chance a essa coisa entre você e eu?

Beckett esfrega seu nariz para frente e para trás contra o meu. Minha respiração fica presa. Meu coração dói.

— Você... quer isso?

— Se você quiser.

Primeiro o presente, depois ele diz que quer ficar comigo? Pode me chamar de boneco de neve em abril, porque eu estou derretida.

Deixo a sacola cair sem cerimônia no chão e envolvo meus braços em volta do seu pescoço. Leva apenas um momento para nossos lábios se juntarem. Sua mão serpenteia pelas minhas costas, e ele inclina a cabeça para aprofundar o beijo. Sua língua provoca a minha, e seu cheiro de alecrim supera o cheiro de biscoitos, carne assada e pinho.

Estou prestes a envolver minhas pernas em volta do seu tronco e deixá-lo me prender contra a parede quando ouço o saco de papel amassar aos meus pés. Nos separamos ao mesmo tempo e olhamos para baixo para ver Nova puxar a boneca e gritar.

Beckett ri, o som quente enquanto vibra através de mim. Eu descanso minha cabeça em seu peito, e ele aperta meus ombros.

— Eu não conseguiria ter um Natal melhor nem se tentasse — Beckett diz em meu cabelo.

— Isso é porque o Natal foi feito para ser bagunçado — eu provoco. Ele me belisca, e eu pulo para longe dele, rindo.

Mas Beckett está certo. Este Natal já é um dos melhores que eu já tive.



# Epílogo

## Beckett

*Um ano depois...*

— Só mais dois passos. Isso. Ok, pare. — Minhas mãos cobrem os olhos de Gemma enquanto a levo para dentro de casa. Seus pais estão esperando do lado de fora com Nova. Afinal, esta também será a casa dela. Ela merece vê-la esta noite, mas eu quero que Gemma a veja primeiro.

Depois que terminamos a casa Dash em janeiro passado, Gemma quis dar um passo e comprar uma pequena casa suburbana que ela estava de olho. Eu a convenci a esperar, dizendo que ela não ia querer comprar a primeira casa que pudesse pagar. Também a lembrei que ela e eu reformamos casas para viver. Ela poderia pagar muito mais — e na verdade na cidade que ela ama — se estivesse disposta a reformar alguma coisa.

Ela resmungou sobre isso por um tempo, dizendo que reformar casas era um trabalho que ela queria deixar isso no escritório. Mas ela finalmente admitiu que eu estava certo e decidiu por uma casa de três quartos em Humboldt Park. Estava completamente destruída quando ela a comprou. Janelas fechadas com tábuas, lixo por todo lado. Mas a estrutura estava boa, e nós dois vimos muito potencial nela.

Isso foi fevereiro. Em março, Gemma fechou o contrato e finalmente pegou as chaves. Ela ficou na entrada, com as mãos na cintura e tentando não tossir com o cheiro que irradiava para fora, provavelmente da cozinha.

— *Foi ideia sua, Beckles* — ela disse. — *É melhor você me ajudar a dar um jeito neste lugar.*

Com o passar dos meses, Gemma organizou os empreiteiros e pagou as taxas com orgulho de sua capacidade de fazê-lo. Eu adquiri materiais para ela e dei a ela algumas opções de acabamentos e designs. Ela zombou de qualquer coisa branca e limpa, e eu a provoquei sobre suas escolhas mais coloridas.

Resumindo, era a maneira perfeita de passar um tempo juntos.

Mas as coisas meio que foram se encaminhando no verão e no outono. Nova fez três anos e começou as aulas de dança, depois as aulas de natação. Gemma passou cada vez mais tempo na minha casa sob o pretexto de estar mais perto da casa de Humboldt Park, ou mais perto do trabalho... ou mais perto de mim. Mas ela não parecia mais ter pressa de terminar a casa, o que teria sido ótimo para mim. Eu não estava com pressa para que ela tivesse um motivo para passar menos tempo no meu apartamento. Mas eu sabia o que esse lugar significava para ela, então comecei a fazer pequenas coisas enquanto ela estava ocupada com Nova. Garantir que uma torneira fosse instalada aqui, colocar um papel de parede ali.

Por fim, acabei assumindo todo o design para ela. Normalmente, odeio projetar pensando no dono da casa, mas poder fazer isso para Gemma foi surpreendentemente divertido. Eu me vi fazendo escolhas com base no estilo dela e ficando animado para mostrar a ela as coisas que eu tinha selecionado.

Então, quando ela olhou para mim com seus enormes olhos verdes e disse: — *Quero fazer uma revelação como você fez para a Sra. Dash!* — quem era eu para discutir?

O que posso dizer? A mulher me tem na palma de sua mão desde a nossa noite de neve no ano passado.

Quando sugeri que eu revelasse a casa para ela na véspera de Natal, ela pulou em cima de mim e começou a rasgar minhas roupas. Fizemos amor ali mesmo no sofá da minha sala de estar.

Acho que foi uma boa ideia de presente.

— Já posso olhar? — Ela pula para cima e para baixo na ponta dos pés, tonta por ver sua nova casa.

Dou uma última olhada ao redor, certificando-me desnecessariamente de que tudo está perfeito. Claro que está. Passei todos os dias deste mês neste lugar. Por ela.

— Sim — eu digo. — Abra os olhos.

Eu a observo enquanto ela abre as pálpebras, então seu queixo cai. Gemma observa os acabamentos quentes de carvalho e os mosaicos coloridos na entrada. Ela suspira quando vê as maçanetas vintage e os vitrais ornamentados nos painéis de cada lado da porta da frente.

— Quem você contratou para fazer isso? — Ela me olha com ceticismo. — Não tem como você ter escolhido tanta cor.

Eu rio.

— Acredite ou não, fui eu. — Meu olhar pousa no dela. — Eu fiz isso por você.

O peso dessa declaração cai sobre ela, e seus olhos brilham.

— Beckett — ela respira. — É perfeito.

Eu seguro seu queixo e pressiono um beijo contra seu nariz, que ainda está vermelho de frio.

— Vamos. — Eu entrelaço meus dedos nos dela. — Eu quero que você veja a cozinha.

Ela treme de excitação e me permite levá-la para o espaço.

Gemma grita quando vê.

— Não acredito! — Ela se dobra de tanto rir, soltando minha mão para agarrar suas laterais.

— O quê? — pergunto, fingindo inocência. — É uma cozinha bonita.

— É uma geladeira azul-petróleo! — Gemma se força a falar entre suas risadas.

Mordo o interior da minha bochecha para manter meu rosto neutro.

— Você fez tanto alarde sobre a da casa do Dash. Achei que poderia querer uma para você.

— Besteira! — Seus olhos estão lacrimejando de alegria. — Você sabe que eu fiz aquilo para te irritar. Eu te disse isso!

— É mesmo? — Bato no meu queixo, fingindo pensar. — Eu não lembro.

Gemma dá um tapinha no meu braço. Agarro sua mão antes que possa me atingir e a puxo para um abraço.

— Essas coisas são chocantemente caras — eu digo. — Tenho certeza de

que podemos vendê-la e comprar uma de aço inoxidável para você.

— Você iria gostar disso. — Ela direciona seu sarcasmo para o meu peito. — Sem chance. É perfeita.

Eu beijo o topo da cabeça dela, respirando seu perfume de especiarias e açúcar.

— Perfeita é você.

Gemma inclina o rosto para mim, seus olhos verdes brilhando e seus lábios franzidos contra um sorriso.

— Mesmo que eu queira ficar com a geladeira azul-petróleo?

Eu me inclino para um beijo.

— Especialmente porque você quer ficar com a geladeira azul-petróleo. Eu te amo, Gemma Woodard. Eu não amaria de outra forma.

— Eu também te amo, Beckett Camdon. — Ela retribui o beijo. — Obrigada por abrir mão da tinta branca por mim.

Eu faria isso por ela e mais um pouco, o que ela deve saber enquanto passeia pelo resto da casa dos seus sonhos e vê a cor nas paredes, os acabamentos vintage e as decorações de Natal da sua infância que sua mãe veio e me ajudou a colocar.

E mais tarde naquela noite, depois que seus pais foram para casa e colocamos Nova em sua nova cama, passamos nossa primeira noite de muitas no novo quarto de Gemma, projetando nosso futuro.



# Agradecimentos

Eu já disse isso antes e direi novamente. Tenho muita sorte de ter uma equipe tão incrível ao meu lado. Este livro não seria o que é sem eles.

Antes de mais nada, um grande obrigado ao meu marido. Esses livros simplesmente não existem sem ele. Obrigada por assistir comédias românticas de Natal comigo, sentar no sofá até tarde da noite para me fazer companhia enquanto trabalho e ficar com as crianças quando preciso de um pouco de espaço. Vocês são minhas pessoas favoritas e eu os amo.

Um enorme e gigante obrigado aos meus primeiros leitores. Seu feedback e torcida foram inestimáveis. Obrigada a: Hannah, Jillian, Alexis, Stefanie, Caitlin e Jessica. Seus comentários me deram vida neste livro, e estou muito feliz por ter todos vocês ao meu lado.

Obrigada também à minha equipe de divulgação! April, Ashley, Catarina, Courtney, Hana, Hope, Jen e Victoria, Kae, Kathy, Kayla, Laura, Leah, Lexi, Lindsey, MC, Mindy, Sarah, Sarah, Sarah (isso não é um erro!), Savannah e Trish e Ash. Obrigada por me ajudarem a espalhar a palavra e me animarem.

Um grande obrigado à minha agente, Katie Monson da SBR Media. Obrigada por me ajudar a levar minhas histórias para novos leitores e acreditar em mim.

E, claro, esta capa incrível. Jillian Liota do Blue Moon Creative Studio pegou minhas ideias básicas para ela e realmente as colocou em prática. É tão

fofa e tão perfeita. Obrigada.

Minha querida, querida amiga, Megan Carver... como eu começo? Obrigada por ser uma caixa de ressonância para ideias — Emelia Dash é para você.

Obrigada à minha família e amigos. Seu apoio significa tudo. Obrigada, especialmente, à minha mãe, meu pai e meu irmão que foram torturados com minhas primeiras histórias quando eu era criança. Acho que já percorri um longo caminho. Espero que este não seja muito picante para vocês. E obrigada à minha cunhada que tem me apoiado infinitamente. Ainda tenho aquele papel de embrulho de Natal e estou animada para pendurar meu enfeite este ano.

Por último, mas não menos importante, obrigada aos meus leitores. Esses livros são para vocês. Obrigada por amá-los.



# Sobre a Autora

Allie Samberts é uma escritora de romances, amante de livros e professora de inglês do ensino médio. Ela foi eleita a professora mais engraçada do ano de 2023 por seus alunos, o que provavelmente é sua maior honra até o momento. Ela também gosta de correr, tricotar e costurar.

Allie mora nos subúrbios de Chicago com seu marido, dois filhos e um beagle muito barulhento.

# Redes Sociais

www.instagram.com/alliesambertswrites

www.tiktok.com/@alliesamberts

www.alliesamberts.com



Editora Five

www.grupoeditorialfive.com
www.instagram.com/editorafive
www.x.com/EditoraFive
www.tiktok.com/@editorafive